

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA – CCET  
CURSO DE DESIGN

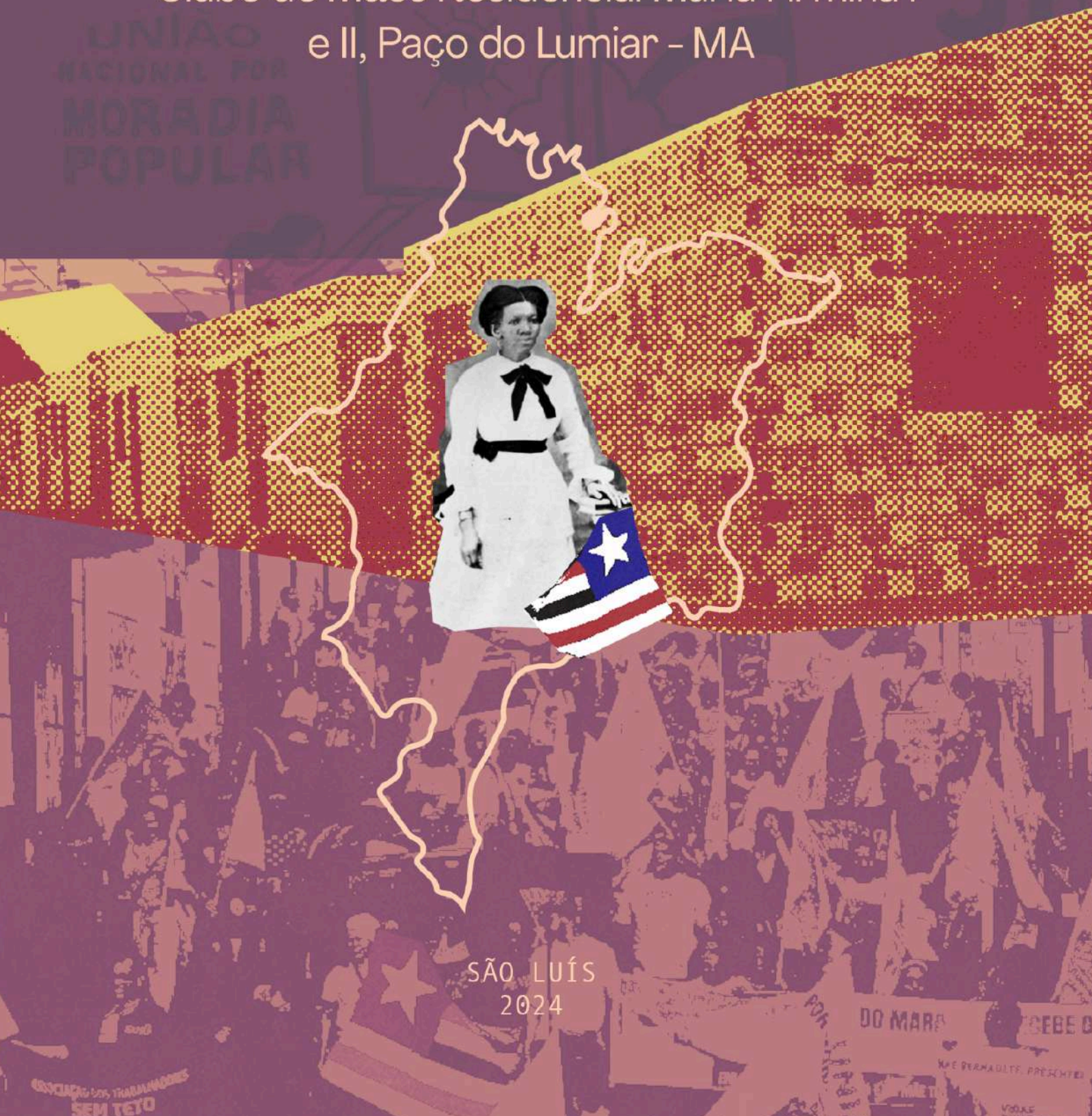
LETICIA BARROS DANTAS

## DESIGN, MEMÓRIA E AFETOS:

Clube de Mães Residencial Maria Firmina I  
e II, Paço do Lumiar – MA



SÃO LUÍS  
2024





UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA – CCET  
CURSO DE DESIGN

**LETICIA BARROS DANTAS**

**DESIGN, MEMÓRIA E AFETOS: CLUBE DE MÃES RESIDENCIAL MARIA  
FIRMINA I E II, PAÇO DO LUMIAR - MA**

São Luís

2024

LETICIA BARROS DANTAS

DESIGN, MEMÓRIA E AFETOS: CLUBE DE MÃES RESIDENCIAL MARIA  
FIRMINA I E II

Trabalho apresentado ao Curso de Design da  
Universidade Federal do Maranhão, como  
requisito para obtenção do grau de bacharel  
em Design.

Orientador: Márcio James Soares Guimarães

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barros Dantas, Leticia.

Design, memória e afetos : clube de Mães Residencial  
Maria Firmina I e II, Paço do Lumiar - MA / Leticia Barros  
Dantas. - 2024.

95 p.

Orientador(a): Marcio James Soares Guimarães.

Monografia (Graduação) - Curso de Design, Universidade  
Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Design. 2. Memória. 3. Afeto. 4. Bio-  
cartografia. 5. . I. Soares Guimarães, Marcio James. II.  
Título.

LETICIA BARROS DANTAS

DESIGN, MEMÓRIA E AFETOS: CLUBE DE MÃES RESIDENCIAL MARIA  
FIRMINA I E II

**BANCA EXAMINADORA**

---

(Nome do orientador, sua titulação e Instituição a que pertence).

---

(nome, titulação e instituição a que pertence).

---

(nome, titulação e instituição a que pertence).

São Luís

2024

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos Orixás, e aos meus guias espirituais que me acompanharam, e conduziram durante todo o processo.

Aos meus pais, que sempre lutaram pela minha educação, e incentivaram meus estudos desde que me entendo por gente. Obrigada por me tornarem quem sou hoje, e por confiarem em mim. Se hoje dou valor à educação, é tudo graças ao apoio de vocês.

Aos meus professores da UFMA, especialmente ao meu orientador Márcio Guimarães, que pacientemente guiou meu processo e me incentivou a concluir esse trabalho. Obrigada pela confiança, pelo apoio e liberdade de escrita.

Às mulheres do Clube de Mães, por toparem esse trabalho com muito carinho, obrigada pela troca e pelos cafés, Roberta Nogueira, Malu, Do Carmo, Dona Maria, Laís Cristina e Dona Débora.

Ao meu companheiro Matheus Alberto, que sempre me apoiou e incentivou durante todo o percurso. Obrigada por tornar tudo mais tranquilo.

Aos meus amigos de turma, Pedro Nunes, Paulo Aurélio, Jackeline Oliveira, Thayná Serra, Júnior Muniz, Fabianne Ferreira, Fabrício Carvalho, Luana Moraes, Larissa Fernandes, Gabriela e Carolina Ribeiro, e tantos outros, que trouxeram alegria e leveza durante toda a minha graduação. Sou muito feliz por ter tido uma turma tão querida.

Aos meus amigos Julianne Mendonça, Carchiris, Beatriz Passos, Beatriz Ribeiro, Igor Felipe, Virna Gurjão, David Castro, Milena, Sarah Azoubel, Iarinma e Rayssa que me apoiam com muito carinho e escuta, para além da esfera acadêmica, alguns mesmo com a distância física. Obrigada por me fortalecerem.

A caminhada é muito mais fácil quando você sabe que não está sozinha.

## RESUMO

O presente estudo propõe a preservação de memórias por meio de ferramentas do design, da história de mulheres, e de sua resistência no Clube de Mães Residencial Maria Firmina I e II, na cidade do Paço do Lumiar, no Maranhão. O grupo se empenha em pensar a cidade através da luta coletiva, muito motivada pelo afeto, ao atender mulheres da comunidade do Residencial Maria Firmina e arredores, em sua maioria mães e mulheres negras, em situação de vulnerabilidade social. Para cumprir com o objetivo desse trabalho, o projeto se iniciou com uma pesquisa bibliográfica voltada para a urbanização e suas marcas de segregação e apagamento, à memória ligada à oralidade, e ao papel do design na preservação de memórias. A metodologia se apoiou na base teórica das bio-cartografias de Pereira (2020), nos mapas afetivos de Becky Cooper, resultando em colagens que retratam a subjetividade dessas mulheres e a busca pelo direito à cidade. As lideranças comunitárias do Clube de Mães agem enquanto agentes protagonistas de seu próprio território, buscando construir novas possibilidades de existência para mulheres da periferia, apesar das complexas contradições que envolvem a busca pelo direito à cidade, a opressão, e as burocracias urbanas que determinam as normas de uso e ocupação dos espaços públicos.

**Palavras-chave:** design, memória, afeto, bio-cartografia.

## ABSTRACT

The present study proposes the preservation of memories through design tools, the history of women, and their resistance within the Clube de Mães Residencial Maria Firmina I and II, in the city of Paço do Lumiar, in Maranhão. The group is dedicated to reflecting on the city through collective struggle, largely motivated by affection, as it supports women in the community of Residencial Maria Firmina and its surroundings, mostly mothers and Black women in situations of social vulnerability. To achieve the aim of this work, the project began with a bibliographical research focused on urbanization and its marks of segregation and erasure, memory linked to orality, and the role of design in the preservation of memories. The methodology was based on the theoretical framework of Pereira's bio-cartographies (2020) and Becky Cooper's affective maps, resulting in collages that portray these women's subjectivity and their quest for the right to the city. The community leaders of the Clube de Mães act as protagonists in their own territory, seeking to build new possibilities of existence for women in the periphery, despite the complex contradictions involving the pursuit of the right to the city, oppression, and the urban bureaucracies that determine the rules for the use and occupation of public spaces.

**Keywords:** design, memory, affection, bio-cartography.



*"A gente acredita que a nossa  
memória preta acaba sendo uma  
colcha de retalhos, a gente vai  
juntando peças de onde consegue".*

Tainá Evaristo

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mosaico de colagens de Sofia Costa para o Podcast Des-embranquecendo a cidade, do Coletivo Terra Preta (2019).....	24
Figura 2: Loteamento de casas Residencial Maria Firmina, 2009.....	27
Figura 3: Loteamento de casas Residencial Maria Firmina, 2009.....	28
Figura 4: Construção das primeiras casas, 2009.....	28
Figura 5: Construção das primeiras casas, 2009.....	29
Figura 6: Vegetação e hidrografia original, 2009.....	29
Figura 7: Vegetação e hidrografia original, 2009.....	30
Figura 8: Construção cisterna, 2009.....	30
Figura 9: Construção cisterna, 2009.....	31
Figura 10: Representação de Maria Firmina dos Reis por João Gabriel dos Santos Araújo para Flup (Festa Literária das Periferias), 2018.....	32
Figura 11: Caixas d'água, ponto de referência do bairro.....	35
Figura 12: Rua Reforma Urbana, 2024.....	36
Figura 13: Avenida da Balaiada, 2024.....	37
Figura 14: Residencial Maria Firmina I, 2024.....	38
Figura 15: Do Carmo, Débora Lopes, Maria da Conceição e Roberta Nogueira, integrantes do Clube de Mães, 2024.....	39
Figura 16: Entrega de cestas verdes para moradoras da comunidade, 2023.....	39
Figura 17: Divulgação de roda de diálogo no Clube de Mães, 2022.....	40
Figura 18: Clube de Mães, 2024.....	44
Figura 19: Mosaico de figuras com Livro Mapping Manhattan e mapas "Fear and Relief", "Where I fell in love" e "Met my wife" que compõem o livro.....	52
Figura 20: Moodboard Mapas e territórios.....	55
Figura 21: Histórias e identidades.....	56
Figura 23: Processo Bio-Cartografia afetiva 1 - Clube de Mães.....	58
Figura 24: Bio-cartografia afetiva 1 - Clube de Mães.....	59
Figura 25: Processo Bio-Cartografia afetiva 2 - Residencial Maria Firmina.....	60
Figura 26: Bio-cartografia afetiva 2 - Residencial Maria Firmina.....	61
Figura 29: Bio-cartografia afetiva 3 - Dona Débora.....	68
Figura 30: Bio-cartografia afetiva 4 - Dona Débora.....	69
Figura 31: Bio-cartografia afetiva 5 - Rua da Reforma Urbana.....	70
Figura 32: Bio-cartografia afetiva 6 - Do Carmo.....	75
Figura 33: Processo Bio-cartografia afetiva 7 - Do Carmo.....	76
Figura 34: Bio-cartografia afetiva 6 - Do Carmo.....	77

Figura 35: Bio-cartografia afetiva 7 - Do Carmo.....	78
Figura 36: Bio-cartografia afetiva 8 - Rua Compositor Escrete.....	79
Figura 37: Processo Bio-cartografia afetiva 9 - Lais Cristina.....	82
Figura 38: Processo Bio-cartografia afetiva 10 - Lais Cristina.....	83
Figura 39: Bio-cartografia afetiva 9 - Lais Cristina.....	84
Figura 40: Bio-cartografia afetiva 10 - Lais Cristina.....	85
Figura 41: Bio-cartografia afetiva 10 - Rua Santa Filomena.....	86

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1: Bairro Residencial Maria Firmina I e II, em Paço do Lumiar - MA.....	32
Mapa 2: Delimitação do Residencial Maria Firmina I e II.....	33

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ações regulares do Clube de Mães.....	41
Tabela 2: Voluntárias da pesquisa.....	44

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

RMF	Residencial Maria Firmina
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
UMPM	União por Moradia Popular do Maranhão
IFMA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
ONG	Organização Não Governamental
Flup	Festa Literária das Periferias
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
UBS	Unidade Básica de Saúde

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>2 RESGATE DA MEMÓRIA E DA ORALIDADE ENQUANTO ATIVAÇÃO ANCESTRAL</b>	<b>20</b>
2.1 Contar de histórias	20
2.2 Memória, afeto e design	22
<b>3 RESISTÊNCIA FEMININA DENTRO DAS CONTRADIÇÕES URBANAS</b>	<b>25</b>
3.1 A cidade e seus conflitos	25
3.2 O território: Residencial Maria Firmina I e II	27
3.3 Luta e resistência: As práticas do Clube de mães	38
<b>4 PERCURSO CARTOGRÁFICO</b>	<b>49</b>
4.1 Design gráfico enquanto agente transformador	49
4.2 Mapas afetivos	51
4.3 Bio-cartografias	53
4.3.1 Moodboard	54
4.3.2 Processo das colagens	56
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>89</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca contar e preservar a história de luta comunitária do Clube de Mães Residencial Maria Firmina I e II, localizada no município do Paço do Lumiar. A pesquisa busca também trazer reflexões acerca dos processos de urbanização a partir de suas marcas de desigualdade, e segregação social e urbana. O objetivo do projeto é incentivar o debate e propor um projeto cartográfico com colagens por meio de bio-cartografias e mapas afetivos, que registrem as narrativas de mulheres engajadas na busca do direito à cidade. Além de retratar a subjetividade das integrantes do coletivo, também busca-se investigar sua história de surgimento e atuação.

Os objetivos específicos do trabalho são, a princípio, elaborar ferramentas de preservação da história de mulheres periféricas enquanto memória e patrimônio; e estimular iniciativas e pesquisas contracoloniais<sup>1</sup> dentro da grande área do design.

Tive o privilégio de conhecer o Clube de Mães Residencial Maria Firmina I e II num trabalho realizado para a disciplina Projeto Integrado I, do curso de Design, da Universidade Federal do Maranhão. Esse trabalho foi feito em grupo com alguns amigos, Jacqueline Rodrigues e Paulo Aurélio, os quais eram voluntários da ONG Cultivando Sorrisos, responsável por realizar ações sociais e desenvolver projetos na região do Paço do Lumiar, e São Luís. A ONG já acompanhava o Clube há algum tempo, e era engajada em prestar assistência e realizar atividades sociais na comunidade com certa regularidade.

Quando conheci o Clube, fiquei muito tocada pela força que pulsava naquelas mulheres. Apesar de todas as dificuldades que assolam a periferia, elas ainda conseguiam encontrar motivação para lutar umas pelas outras, em busca de melhores condições de vida. O interesse do trabalho se deu principalmente pela vontade pessoal de me aproximar do grupo, e conhecer sua história de luta.

A Associação do Clube de Mães do Residencial Maria Firmina I e II, localizada no município de Paço do Lumiar, foi fundada no dia 05/05/2018 a partir da inquietação e mobilização de mulheres da própria comunidade que começaram a se organizar, inicialmente em suas próprias casas, em prol do bem-estar de seus

---

<sup>1</sup> Termo cunhado por Nêgo Bispo (2023), para o autor, o contracolonialismo é uma forma de defender povos tradicionais, quilombolas, indígenas e seus modos de vida. O pensamento se baseia em formas de se defender do colonialismo, e uma das formas consiste nos saberes da oralidade.



familiares e moradores do bairro. Hoje, o clube realiza ações sociais para os moradores, em especial às mulheres (em sua maioria, mães) e crianças do bairro, no intuito de diminuir as desigualdades que assolam essa periferia.

Quando pensamos nos processos de urbanização, dentro do quadro do realismo capitalista<sup>2</sup>, não podemos deixar de levar em consideração como suas relações de poder predatórias e excludentes estão imbricadas nesta dinâmica. Para Harvey (2012, p.30), "a urbanização sempre foi, portanto, algum tipo de fenômeno de classe". Para esse trabalho, alguns conceitos e revisitações de David Harvey, geógrafo que buscou entender a urbanização dentro da lógica de acumulação do capital, terão contribuições relevantes para compreender esse cenário.

A urbanização das cidades surge com a modernidade, processo que caminha com o colonialismo (Arturo Escobar, 1995 apud Lara; Fernando, 2020). À luz de Fernando Lara (2020), arquiteto e professor, problematizar as raízes coloniais da nossa modernidade é urgente, pois nossas cidades foram feitas para esquecer e para excluir, sendo a perpetuação da exclusão e o apagamento da memória as principais características da urbanização em todo o continente.

Esse movimento, portanto, resulta na perda de possíveis narrativas de resistência, conseqüentemente, também na perda de identidades e de memórias daquele espaço. Nas palavras do autor, "Urge inverter esta lógica e fazer dos nossos espaços americanos lugares de inclusão e de memória" (Lara, 2020 apud p.9 Moassab e Name, 2020).

A sociedade capitalista é refém de um sistema que se mostra fluido e difícil de ser contornado (Fisher, 2020). No entanto, quando agimos radicalmente, podemos usar a imaginação para acharmos brechas e criarmos pequenas fissuras dentro do sistema. É importante salientar que, neste trabalho, não buscamos afirmar que atividades de design voltadas para o impacto social sejam consideradas práticas laborais não alienantes.

Sob ótica marxista, a alienação do trabalho é parte intrínseca da luta de classes e do desenvolvimento das forças produtivas, sendo consequência dialética das relações de produção. Assim, em maior ou menor grau, a alienação ainda se

---

<sup>2</sup> Visão abordada por Mark Fisher em sua obra Realismo Capitalista, publicada originalmente em 2009, que consiste basicamente na forma como a cultura da sociedade neoliberal atual se apropriou dos valores capitalistas para construir toda a lógica das esferas culturais que conhecemos – tais como família, universidades, burocracia ou arte.

faz presente dentro dessas práticas (dos Santos, 2022). Assim, buscaremos trabalhar dentro das limitações deste cenário.

A utilização de ferramentas de design para registro de uma história pode ser usada como instrumento de fortalecimento da memória coletiva e auxiliar na preservação da cultura de um povo. É necessário ser pró-ativo, e estimular nossa consciência crítica para articular nosso conhecimento enquanto designers, a fim de que possamos executar nosso papel enquanto cidadão (Braga, 2011). Dessa maneira, a reflexão crítica sobre a sociedade deve ser um aliado essencial no trabalho construído pelo designer que deseja exercer um papel social.

Um dos nortes desse processo será o uso de recursos como a colagem e a fotografia, enquanto ferramenta de registro das narrativas desse grupo e suas micropolíticas urbanas. Segundo Braga e Farias (2018, p.17), “a memória coletiva é parte da cultura, pois pode revelar aspectos de identidade, de crenças e valores simbólicos de um povo configurados por variados processos ao longo do tempo”. Registrar é manter histórias vivas e em movimento entre as pessoas. O registro e a preservação de narrativas são atos de resistência, que podem ser explorados pelas expertises de um designer.

Além dos recursos de design, teremos o uso de uma tecnologia ancestral essencial para a pesquisa: a oralidade. Por meio da história oral, pode-se reconstruir uma memória gráfica, material e cultural do passado de um povo.

A justificativa do projeto se dá pela motivação em entender como preservar a história dessas lideranças femininas, e no interesse pessoal da autora de realizar um projeto de design com atuação política e social, que se concilie à tradicional colonialidade do saber. Nesse sentido, o estudo poderá gerar reflexões que contribuam tanto para o campo teórico, quanto para o campo prático do design, aproximado de uma perspectiva política, que lute para preservar e potencializar relações da luta social.

O convite à comunidade de design neste trabalho, é para, além de sondar, mas também agir com alternativas de visibilidade e de ações de impacto para pessoas em situação de vulnerabilidade social. O desejo que existe é que essa pesquisa possa servir enquanto exemplo de pesquisa que priorize pessoas e suas histórias, inspirado principalmente por Larissa Anchieta (2023) e Araújo (2019), autoras que fizeram um belíssimo trabalho que motivaram esse projeto.

O trabalho de Araújo (2019) se baseou em unir design e fotografia para aproximar afetivamente os moradores do bairro Mãe Luiza, em Natal - RN, com o seu próprio território. A metodologia de Anchieta (2023), será usada na fase generativa para a construção das bio-cartografias de Pereira (2020), autora que traz reflexões sobre a capacidade de mulheres negras alterarem suas próprias rotas dos fins as quais estariam naturalmente destinadas dentro das periferias, por meio da resistência e do exercício da liberdade. Também servirá de apoio para a construção das cartografias, os Mapas Afetivos de Becky Cooper, que retratam territorialidades geográficas de forma pessoal e subjetiva, de acordo com memórias afetivas das pessoas.

## 2 RESGATE DA MEMÓRIA E DA ORALIDADE ENQUANTO ATIVAÇÃO ANCESTRAL

### 2.1 Contar de histórias

Reviver a memória através da oralidade é andar lado a lado com o resgate e ativismo da própria ancestralidade. “Contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade, dentro ou fora da sala de aula” (Hooks, 2020, p.89). Ao ouvir histórias de forma atencional, realizamos um exercício de escuta, que ativa a voz de cada um, e que potencialmente se transforma em um exercício de reconhecimento do outro (Hooks, 2017). Assim, podemos fortalecer e afirmar a subjetividade individual daquele que nos compartilha a sua própria existência, abrindo caminhos para laços de afeto se expandirem e se solidificarem.

Durante as visitas feitas em campo, e após alguns meses conhecendo as mulheres do Clube de Mães, estive ouvindo suas histórias, seus anseios e desejos em relação à comunidade, seus conflitos, suas vitórias, e pude observar o forte engajamento e apego que elas possuem dentro de seu próprio bairro. Suas relações não são isentas de conflito, mas são em sua maior parte agenciadas em prol de algo comum, principalmente em relação à saúde física e mental das crianças e mulheres moradoras do bairro Residencial Maria Firmina.

Para Almeida (2021), a transmissão da história, através da oralidade, é uma prática antirracista. A autora nos mostra que mulheres quilombolas, quando fazem uso da transmissão de seus saberes dentro de suas próprias comunidades, podem fortalecer vínculos de afeto entre pessoas e os territórios.

Suas práticas mobilizam o que denomino de território de afeto, entendido como um campo de ação política que se exprime pela manutenção, criação ou redefinição de espaços potencializados para aqueles que vivem nos territórios quilombolas. Territórios de afetos não são definidos pela identidade jurídica quilombola, mas pela relação que se estabelece com o lugar e com aqueles que nele vivem. Trata-se de uma atitude política, que privilegia o uso de saberes como forma de ampliar espaços de subjetivação, constituídos por meio dos deslocamentos de sentidos que essas mulheres realizam em relação aos efeitos das exclusões de raça, de classe ou de gênero que afetam seus corpos e os territórios de suas comunidades (Almeida, 2021, p. 297-298).

Há uma construção no imaginário popular sobre pessoas que moram em comunidades, às margens dos grandes centros. Morar numa periferia não significa apenas sofrimento, precariedade e violência. Margareth Rego (apud Almeida, p.16, 2022) nos mostra a importância de dar visibilidade a mulheres que moram em comunidades, especialmente mulheres negras, as quais transformam diariamente seu cotidiano com seus saberes singulares e práticas libertárias.

Para a autora, a pressão dos movimentos sociais e feministas foram de extrema importância para denunciar violências de gênero, e tornar público a presente misoginia e o racismo estrutural. A autora afirma que a ascensão desses movimentos permitiu que outros passados entrassem em cena, possibilitando que mulheres pudessem, dessa vez, serem as protagonistas, contrapondo-se às muitas vezes em que foram silenciadas pela historiografia.

A prática de projeto que priorize pessoas e suas relações é essencial para romper com o forte discurso hegemônico presente dentro da área do design e possibilitar outras formas de projetar. Projetar para a mobilização, para um propósito comum e libertário, é revolucionário. Rego (apud Almeida, p.16, 2022) sabiamente afirma que:

[...] as mulheres sabem que ter passado é uma necessidade pessoal e coletiva que permite o fortalecimento dos vínculos pessoais e subjetivos, tanto individualmente quanto nos grupos que reivindicam o direito à própria vida. Sabem também que aos regimes fascistas interessa a produção de indivíduos atomizados, sem passado e sem referências históricas que ancoragem e unam, transformados em corpos vulneráveis, facilmente capturados pelo poder. Desmobilizam-se ou neutralizam-se, assim possíveis ações coletivas transformadoras.

A ação coletiva transforma, mobiliza o sonhar e recria possibilidades de fazer a mudança, a fim de viver uma história melhor do que a que é vivida. Para Richard Sennett (2012), uma comunidade simples baseada na identidade partilhada pode ser motivada a cooperar em prol de si mesma, a fim de lutar contra complicações sociais da burocracia do cotidiano. Para o autor, o comprometimento com os outros pode e deve resolver problemas psicológicos.

A reivindicação pelo direito à vida e à moradia digna permitiu o fortalecimento de uma luta coletiva, além de ter solidificado novos vínculos de afeto entre as vizinhas. Mariléa de Almeida (2022) nos introduz a ideia de que mulheres

quilombolas lutam pela terra, mas é necessário fortalecer os vínculos primeiro para que se ocupe o território de forma potente e criadora.

A oralidade foi um fator importante para que as mulheres do Clube conseguissem ter seus caminhos atravessados umas pelas outras. Quando uma nova mulher chega ao bairro, é comum que se chame ela para participar das atividades do Clube, ou até mesmo para conversar e tomar um café. E assim, através dessas interações cotidianas, elas conseguiram criar relações de afeto que perpassam a simples casualidade da vizinhança.

São mulheres que se reconhecem entre si, que genuinamente se preocupam se a outra tem o que comer naquele dia, se tem criança doente ou alguma planta nova para pegar uma muda.

Vocês não têm o grande capital do seu lado, não têm as grandes corporações do seu lado. Então, a única maneira de defender o que vocês têm é indo para a rua com outras pessoas, unidas, realizando atividades culturais, se divertindo e fazendo política ao mesmo tempo (Harvey, 2014, online).

Essas mulheres recriam diariamente suas próprias histórias, assumem o comando de suas jornadas e se fortalecem, juntas, em prol da luta comunitária, para irem em busca de acesso a tudo aquilo que lhes foi negado. O desejo delas, nada mais é, do que um futuro melhor para outras mães e seus filhos. Vida digna, um futuro em que suas existências sejam possíveis, e também múltiplas.

## **2.2 Memória, afeto e design**

Através dessa pesquisa, há o intuito de investigar a mobilização pela luta coletiva através do afeto entre as integrantes do Clube de Mães com sua própria comunidade. Busca-se também rememorar o passado de três mulheres, mães e integrantes do clube: Do Carmo, Débora Lopes e Lais Cristina.

Para Arturo Escobar (2018), um dos pilares da modernidade é a crença na ciência, que por consequência descredibiliza qualquer outra forma de saber, e fortalece a hegemonia do conhecimento científico.

Por essa razão, ainda é pouco expressivo o que se fala a respeito da atuação do design em pesquisas experimentais, que incentivem o registro de narrativas periféricas. Para Margareth Rago (apud Almeida, p.16, 2022), a presença desses

outros passados em cena é importante para trazer novas paisagens e figuras menos conhecidas, outrora silenciadas pela historiografia.

Nêgo Bispo (2023) também nos chama a atenção para o colonialismo e o apagamento de memórias e identidades. Para ele:

Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado, quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome (Bispo, 2023, p. 11-12).

O autor sugere que os colonizadores possuem o desejo de dominar o outro, imposição que pode ser feita através da desterritorialização, ou ao renomear uma terra, por exemplo. Esse é um processo violento, que nega o passado dessas pessoas e as desumaniza (Fanon, 1961 apud Freixa, 2021).

A memória, quando busca lembrar quem se foi, pode servir como ferramenta de ativação de trânsitos ancestrais que projetam o que se deseja no futuro. A memória mobiliza a luta coletiva. Quando ouvimos a história de alguém, nos identificamos, nos reconhecemos no outro, afetamos e somos afetados por conexões até mesmo daquilo que não vivemos, como numa grande teia mutável que continua a tecer relações em movimento (Guizzo, 2019).

A memória ligada à oralidade, juntamente com as vivências observadas, podem servir de fios condutores para traçar um plano comum, porém heterogêneo, através de técnicas de design associadas ao uso da cartografia. Essa ferramenta serve de pesquisa-intervenção (Passos; Barros, 2009) para mapear subjetividades, através da habitação de um território (Alvarez; Passos, 2009).

Localizar esses encontros, portanto, têm o propósito de conectar com múltiplas tramas, para assim construir cartografias por meio de colagens que enlacem lembranças do passado e também sonhos para o futuro. Compartilhar as histórias do Clube de Mães com a comunidade acadêmica e com toda a sociedade, é importante para fortalecer a demarcação do território Residencial Maria Firmina e apoiar sua luta.

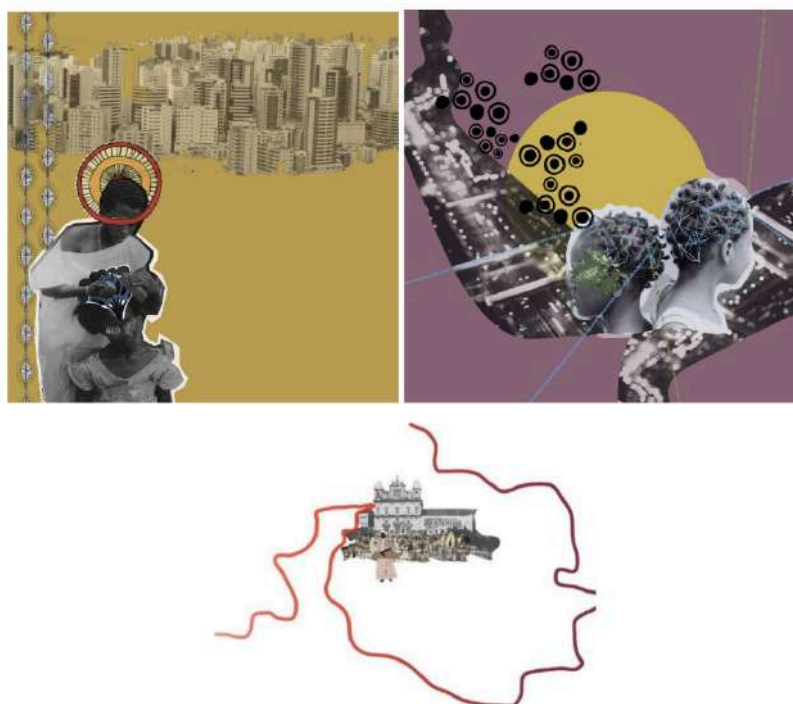
A colagem é uma potente ferramenta do design gráfico, pois ela serve de portal. Ela permite que fotografias de diferentes tempo-espço coexistam num único plano, através da imagem construída. Quando pensamos na mensagem que se deseja comunicar, com essa ferramenta acessa-se o passado, presente e projeta-se

o futuro. E quando juntamos a colagem com as narrativas que trazemos à memória, além de criarmos novas subjetividades com as conexões realizadas, também contribuimos para preservar histórias que poderiam ser apagadas.

Sofia Costa, colagista, artista visual e designer de Salvador, foi uma importante referência para esse trabalho:

Para ela, as colagens potencializam a possibilidade de acúmulo e de articulação de narrativas sobre as vivências na cidade. Ela utiliza a fotografia como peça principal em torno da qual outros elementos se agregam, resultando numa única imagem contida de composições que contêm histórias possíveis e compreensíveis, capazes de diversas interpretações. Sofia entende a imagem como uma ponte entre momentos e gerações quando vai para a rua, ou para as redes sociais (Podcast Des-embranquecendo a cidade, 2019).

Figura 1: Mosaico de colagens de Sofia Costa para o Podcast Des-embranquecendo a cidade, do Coletivo Terra Preta (2019)



Fonte: Instagram do coletivo Terra Preta Cidade @terrapretacidade (2024)

A articulação dessas expertises técnicas podem facilitar a compilação de histórias, e tornar esse contar ainda mais dinâmico, interativo e afetivo. Logo, a fotografia e a colagem servirão de suporte para a realização desse trabalho.



## 3 RESISTÊNCIA FEMININA DENTRO DAS CONTRADIÇÕES URBANAS

### 3.1 A cidade e seus conflitos

A cidade é um retrato das relações de poder, que "Deveria ser feita para a necessidade das pessoas, e não para o capital" (Harvey, 2014, online). Os processos de urbanização para Anchieta; Pflueger (2022) são intrínsecos aos processos coloniais de dominação, refletidos na precariedade da habitação no Brasil, causada por múltiplos fatores, como a pouca oferta de soluções habitacionais para a população de baixa renda, o alto custo das propriedades urbanas e o baixo poder aquisitivo das famílias (IPEA, 2016).

Outros fatores desfavoráveis são a especulação imobiliária e a gentrificação, processos que, muitas vezes, expandem a cidade de forma arrasadora. O termo gentrificação foi utilizado pela primeira vez em 1964<sup>3</sup>, pela socióloga britânica Ruth Glass, para descrever o processo observado em Londres, em que áreas residenciais de classes menos favorecidas começaram a se reorganizar numa nova configuração, devido à expansão da cidade: em áreas residenciais para a classe média.

Para Maricato (2002, p.28), "as zonas favorecidas incorporam, como lugares, o capital cultural que forja não somente seu futuro privilegiado, mas reduz o futuro das áreas menos favorecidas".

Essas influências geram transformações que podem gerar conflitos entre a comunidade menos favorecida e o território preexistente, podendo até mesmo engolir uma parte expressiva de subjetividade das pessoas que resistem nesses espaços.

A situação de extrema violência e vulnerabilidade que essas mulheres lidam diariamente é, muitas das vezes, reforçada pela negligência das autoridades governamentais locais, indo de encontro ao direito à cidade.

A busca pela qualidade de vida é movida por um profundo desejo dessa população por uma transformação que lhe assegure o direito à cidade. O geógrafo

---

<sup>3</sup> London: aspects of change (1964)

Harvey (2012), ao revisitar os ensaios de Lefebvre em "Le droit à la ville"<sup>4</sup>, defende que esse direito vai além do simples acesso aos recursos urbanos, se tratando, na verdade, sobre a possibilidade de mudar a nós mesmos, quando reinventamos a cidade. O autor também enfatiza a coletividade intrínseca a esse desejo, pois a transformação só é possível quando ocorre o encontro, processo esse que produz sentidos emancipatórios.

Para a pesquisadora Guimarães (2012), as contradições presentes no sistema capitalista criam cidades igualmente contraditórias, com características marcantes que são frutos desse modo de produção: cidades exploratórias, com forte desigualdade social e avanço da destruição de recursos naturais e espaços, que visam o lucro.

O espaço, ainda, apesar de socialmente produzido pela atividade humana, posto que é por meio do trabalho que podemos perceber a realidade social como criação do homem, num ato de transformar a natureza e a si mesmo, é apontado como exterioridade e percebido com estranhamento, ou seja, a alienação também está expressa no processo de produção do espaço e das cidades (Guimarães, p. 182, 2012).

Harvey (2012) afirma que a urbanização é um fenômeno de classe, pois a expansão da cidade produz excedentes, que são tirados de alguém ou de algum lugar, e destinados a um pequeno grupo que detém o poder para controlar esse capital acumulado, visando seu próprio lucro. Quando esses excedentes não são bem distribuídos entre a população e os recursos da cidade, alguns serviços urbanos básicos como energia elétrica, saneamento e transporte público podem ter sua eficiência e qualidade reduzidas.

Para o autor, a urbanização assume um papel ativo ao absorver as mercadorias capitalistas excedentes, ação que estabiliza o capitalismo financeiro. Assim, para Harvey (1973), a cidade pode ser entendida como "o lugar das contradições acumuladas" (p. 174).

Enquanto as cidades avançam e o urbanismo se expande, o acesso ao direito à cidade em áreas periféricas não acompanha o mesmo ritmo. A informalidade, o desemprego e a segregação fazem parte da dura realidade de comunidades menos favorecidas.

---

<sup>4</sup> O direito à cidade (Le droit à la ville), publicado por Lefebvre em 1968.

### 3.2 O território: Residencial Maria Firmina I e II

O projeto de habitação social foi coordenado pela União por Moradia Popular do Maranhão (UMPM), organização engajada em garantir o direito à moradia a famílias de baixa renda. O projeto foi financiado pelo Fundo de Desenvolvimento Social, por meio do programa Crédito Solidário, feito em parceria com o Governo Federal (União por Moradia Popular, 2009).

O canteiro de obras do Residencial foi inaugurado em 11 de março de 2009, em Paço do Lumiar, onde foram construídas 340 casas, sem contrapartida local, sem asfalto e sem equipamentos, com valor da unidade habitacional a R\$17.000. Todas as unidades habitacionais foram entregues à comunidade em 2011 (Pacheco, 2018).

Figura 2: Loteamento de casas Residencial Maria Firmina, 2009



Fonte: União por Moradia Popular, 2024

Figura 3: Loteamento de casas Residencial Maria Firmina, 2009



Fonte: União por Moradia Popular, 2024

Figura 4: Construção das primeiras casas, 2009



Fonte: União por Moradia Popular, 2024

Figura 5: Construção das primeiras casas, 2009



Fonte: União por Moradia Popular, 2024

Figura 6: Vegetação e hidrografia original, 2009



Fonte: União por Moradia Popular, 2024

Figura 7: Vegetação e hidrografia original, 2009



Fonte: União por Moradia Popular, 2024

Figura 8: Construção cisterna, 2009



Fonte: União por Moradia Popular, 2024

Figura 9: Construção cisterna, 2009



Fonte: União por Moradia Popular, 2024

O grupo ainda persiste na busca pela aprovação do Projeto de Lei Federal da Autogestão da Habitação (PL 4216/2021), PL que objetiva conseguir respaldo jurídico e apoio financeiro para dar continuidade aos projetos de moradia com maior segurança. A UMPM exerce seus trabalhos mediante um modelo de autogestão:

Na autogestão, o processo de construção ou reforma de imóveis é controlado pelos associados, organizados em cooperativas ou entidades sem fins lucrativos. A produção por meio da autogestão é a alternativa para as famílias excluídas do mercado imobiliário porque propõe a participação democrática de moradores nos processos de planejamento, projeto e construção (União por Moradia Popular, 2023).

Os projetos de habitação popular são fundamentais para fomentar iniciativas e políticas públicas que visem realizar a regularização fundiária, bem como diminuir o déficit habitacional e despejos que assolam o país.

A ocupação dos conjuntos se deu através do interesse social articulado através da UMPM. A União buscou ainda, homenagear pessoas negras revolucionárias na concepção do nome do bairro, e das ruas que compõem o conjunto:

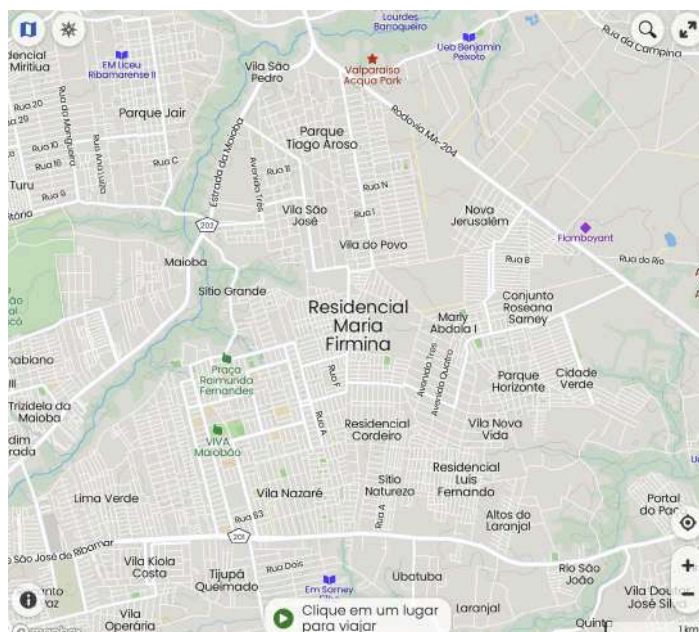
O nome do Conjunto é uma homenagem a Maria Firmina dos Reis, mulher negra, poetisa maranhense, que nasceu em 1825 e morreu em 1917, aos 92 anos de idade. Em 1859 publicou *ÚRSULA*, primeiro romance brasileiro anti-escravagista e primeiro escrito por uma mulher no Brasil, e, em 1871, *CANTOS A BEIRA MAR*. Maria Firmina foi uma mulher à frente de seu tempo que rompeu a barreira do preconceito, fundamentado no racismo e no machismo, e mostrou para o mundo a importância da literatura maranhense. Ao contrário do que era vigente na época, quando os homens, brancos e ricos iam para a Europa, estudar nas melhores faculdades, Maria Firmina provou que a busca pelo conhecimento não tem fronteiras físicas e deu ao mundo um romance recheado de denúncia de injustiças arraigadas na sociedade patriarcal brasileira e que tinham no escravo e na mulher suas principais vítimas (União por Moradia Popular, 2009).

Figura 10: Representação de Maria Firmina dos Reis por João Gabriel dos Santos Araújo para Flup (Festa Literária das Periferias), 2018



Fonte: O Globo (2024)

Mapa 1: Bairro Residencial Maria Firmina I e II, em Paço do Lumiar - MA



Fonte: Google Maps (2024)



Mapa 2: Delimitação do Residencial Maria Firmina I e II



Fonte: Google Maps e União por Moradia Popular, adaptado pela autora (2024)

A região, no entanto, sofre com a ausência de políticas públicas, que ocasiona a exclusão, e é marcada pela forte presença de crianças e mulheres vivendo em situação de vulnerabilidade. Em meio a esse contexto, o Clube de Mães do Residencial Maria Firmina surge com a luta de reivindicação de ampliação da cidadania, na esperança de novas perspectivas para as famílias que lá residem.

O Direito à Cidade é um direito humano e coletivo, que diz respeito tanto a quem nela vive hoje quanto às futuras gerações. É um compromisso ético e político de defesa de um bem comum essencial a uma vida plena e digna em oposição à mercantilização dos territórios, da natureza e das pessoas (Instituto Polis, 2020).

Foi feita uma breve conversa com Roberta Nogueira, Dona Débora, Maria da Conceição, e Do Carmo, integrantes do Clube de Mães, para mapear alguns desafios do bairro.

### **Conversa 1 - Desafios**

**Letícia:** Quais os principais desafios que vocês enfrentam morando aqui?

**Roberta:** A rua. Nenhuma das ruas tem asfalto.

**Dona Débora:** Condução. Pouco ônibus.

**Letícia:** Vocês conseguem se divertir aqui? Ter lazer?

**Todas:** Não.

**Letícia:** Por que? O que vocês queriam que tivesse aqui?

**Maria:** Não tem aquele terreno em frente a minha casa? Se fosse uma pracinha, se fizessem uma praça e colocassem aqueles negócio de ginástica, mas não tem... Se fizessem uma academia ali pra gente... Uma academia seria bom demais.

**Roberta:** Uma quadra coberta.

**Do Carmo:** Um parquinho pras crianças brincar né, seria muito bom. Essa área verde aqui todinha, tem muito espaço.

**Maria:** É tanto terreno bom que tem aqui, cada pé de árvore.

**Do Carmo:** Ela<sup>5</sup> que leva a gente pra se divertir.

**Roberta:** A questão do lazer... o Maria Firmina em si, nós somos mais de 1.000 pessoas morando aqui... a gente aqui enquanto comunidade, o que a gente busca mesmo é a questão da infraestrutura. A gente tem zero infraestrutura. O lazer, também é zero. Porque nós temos áreas, pra construção de praça, posto de

---

<sup>5</sup> \*Referindo-se aos passeios coletivos realizados por Roberta Nogueira, líder do Clube de Mães. Roberta articula parcerias com empresas como o Valparaíso, por exemplo, para realizar ações sociais de lazer no dia das crianças, junto às mães.

O evento faz parte da agenda de ações do Clube, e é realizado anualmente, assim como outras atividades sociais voltadas para o lazer em datas comemorativas.

médico. Mas a infraestrutura não tem. Nós não temos playground, pista de caminhada... escola tem, mas só de nível fundamental.

Figura 11: Caixas d'água, ponto de referência do bairro



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Figura 12: Rua Reforma Urbana, 2024



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Figura 13: Avenida da Balaiada, 2024



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Figura 14: Residencial Maria Firmina I, 2024



Fonte: Acervo pessoal, 2024

### **3.3 Luta e resistência: As práticas do Clube de mães**

A Associação do Clube de Mães do Residencial Maria Firmina I e II (RMF) foi fundada no dia 06/05/2018 a partir da inquietação e mobilização de mulheres da própria comunidade que começaram a se organizar, inicialmente em suas próprias casas, em prol do bem-estar de seus familiares e moradores do bairro.

O objetivo era discutir e desenvolver ações voltadas para o atendimento das famílias, pela oportunidade e direito à educação, assistência social, saúde, esporte e lazer, infraestrutura, formação e informação das mulheres, crianças e da comunidade em geral. Nos três anos de existência e resistência do clube, diversas ações foram pensadas, organizadas e mobilizadas pela coordenação do grupo [...] (Caderno de projeto Clube de Mães Maria Firmina dos Reis, por Nós Assessoria Técnica, 2021).

Figura 15: Do Carmo, Débora Lopes, Maria da Conceição e Roberta Nogueira, integrantes do Clube de Mães, 2024



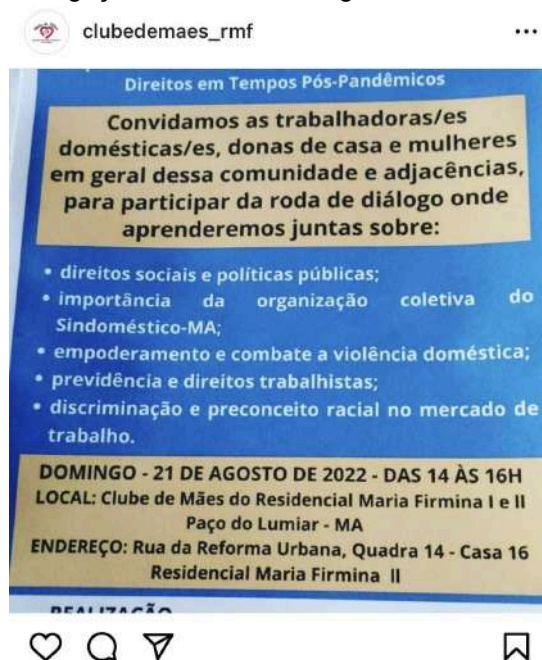
Fonte: Acervo pessoal, 2024

Figura 16: Entrega de cestas verdes para moradoras da comunidade, 2023



Fonte: Roberta Nogueira, 2024

Figura 17: Divulgação de roda de diálogo no Clube de Mães, 2022



Fonte: Instagram do Clube de Mães, 2024

O Clube de Mães ainda não possui local próprio, e está temporariamente localizado no terraço da casa da líder do Clube, Roberta Nogueira. Ela foi a primeira moradora do conjunto Residencial Maria Firmina II. Roberta já participava de movimentos sociais há alguns anos, e foi ativista pelo movimento de ocupação, sempre lutando pelo espaço público e direito à moradia digna. Foi através da luta dela e da articulação com a UMP (União por Moradia Popular) que foi possível a criação das casas do conjunto RMF.

O Clube funciona através da autogestão da Coordenação do Clube de Mães, que possui 14 mulheres. O grupo atende, hoje, cerca de 365 mulheres dentro da comunidade, e também dos arredores (Paraná, Vila do Povo, Vila São José etc.).

O perfil dessas pessoas são mulheres, em sua maioria, mães e negras, em situação de vulnerabilidade social, muitas vezes vítimas da violência doméstica. As mães atendidas pelo Clube passam por um cadastro socioeconômico, possibilitando uma avaliação prévia sobre o contexto social que aquela mulher se encontra.

Todas as entregas de cestas básicas, kits de higiene e alimentos também acontecem mediante um cadastro das mulheres e famílias beneficiadas. Ao longo



do curso desse trabalho, me aproximei do grupo e hoje também faço parte da Coordenação do Clube de Mães. Quando há entrega de cestas básicas por alguma ONG ou entidade, atuo no cadastro dessas mães de acordo com a minha disponibilidade.

Um dos maiores cadastros socioeconômicos realizados (cadastro está em Anexos), foi através do Instituto O Bem Nunca Para, ONG que realizou uma entrega de cestas básicas ao final de 2022. No cadastro realizado em Outubro de 2022, foram obtidos os referentes dados:

- As mulheres são em sua maioria, negras;
- Há uma média de 2,17 filhos<sup>6</sup> por mãe;
- Há 346 crianças de até 12 anos;
- Há 88 adolescentes de 13 a 17 anos;
- A porcentagem de pessoas com ensino superior (incluindo membros familiares) é de 12%;
- A taxa de analfabetismo (incluindo membros familiares) é de 15%;
- Todas as mulheres participantes são assistidas por pelo menos 1 benefício social, como o Bolsa Família, e possuem CadÚnico.

O Clube de Mães possui uma agenda com atividades e ações sociais regulares. Elas são voltadas principalmente para as mães, e também às crianças. As ações são diversas, orientadas para:

Tabela 1: Ações regulares do Clube de Mães

<b>Educação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cursos de alfabetização para jovens e adultos;</li> <li>• Kit escolar fornecido às crianças;</li> <li>• Cursos de idiomas, feito em parceria com o IFMA (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão) e com ONGs, como a Cultivando Sorrisos.</li> </ul>
-----------------	---

<sup>6</sup>Média feita com uma amostra de 200 mulheres do Clube de Mães RMF, cadastradas pelo Instituto.

<p style="text-align: center;"><b>Capacitação</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• São realizadas parcerias com institutos para o fornecimento de cursos técnicos, capacitantes e profissionalizantes.</li> <li>• Cursos voltados para estética (manicure, pedicure, design de sobrancelhas, depilação, alongamento de unha, maquiagem etc.). As parcerias já foram realizadas com a Equatorial Energia - MA e o grupo Embelleze.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Segurança alimentar</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Distribuição de alimentos, peixes e cestas básicas. As parcerias geralmente são feitas com ONGs, que arrecadam principalmente para mães chefes de família. Algumas das ONGs parceiras são Cultivando Sorrisos e Instituto O Bem Nunca Para. A distribuição de peixes se dá geralmente através da Secretaria de Desenvolvimento Social do Paço do Lumiar.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Saúde</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ações em parcerias com óticas para realização de consultas oftalmológicas;</li> <li>• Campanhas de saúde da mulher e atenção primária;</li> <li>• Distribuição de kits de higiene em parceria com ONGs e igrejas;</li> <li>• Distribuição de preservativos e campanhas de prevenção a ISTs (</li> </ul>

	<p>Infecções Sexualmente Transmissíveis);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rodas de conversa sobre temas relacionados à saúde.</li> <li>• Projeto "Extramuro" com a UBS (Unidade básica de saúde) Canaã, onde os médicos realizam as consultas no próprio conjunto, fazem o preventivo e também a pesagem e metragem das mães e filhos para atualizar o bolsa família</li> </ul>
<p><b>Empoderamento feminino</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rodas de conversa sobre combate à violência doméstica, feminicídio, direitos sociais, políticas públicas, organização coletiva do sindoméstico, previdência e direitos trabalhistas. Também já foi feito workshop de maquiagem em parceria com a Equatorial Energia - MA, ação "Dia da Beleza" com a ONG Cultivando Sorrisos.</li> </ul>
<p><b>Lazer</b></p>	<p>As atividades de lazer geralmente ocorrem em datas comemorativas como Dia das Mães, Dia da Mulher, Páscoa, Dia das Crianças, Natal, etc. O grupo realiza programações para promover o lazer com atividades lúdicas, ora entre mães e filhos, com jogos e brincadeiras, ora apenas entre mães.</p>

Fonte: Autoria própria, 2024

Figura 18: Clube de Mães, 2024



Fonte: Acervo pessoal, 2024

O surgimento do Clube foi investigado por meio de conversas com as integrantes feitas ao longo de três visitas de campo. As conversas aconteceram na casa da líder comunitária Roberta, onde também funciona o Clube de Mães.

Nos juntamos, comemos bolo e tomamos café juntas nas três visitas. As conversas foram gravadas, com autorização de todas as participantes mediante termo de consentimento, localizado nos anexos desse trabalho.

As voluntárias foram:

Tabela 2: Voluntárias da pesquisa

Nome	Idade	Raça	Profissão
Roberta Nogueira	45 anos	Branca	Dona de casa
"Dona" Débora	46 anos	Preta	Cozinheira

Laís Cristina	32 anos	Preta	Manicure
Maria da Conceição	59 anos	Preta	Dona de casa
Do Carmo/"Dona Lôra"	48 anos	Branca	Dona de casa

Fonte: Autoria própria, 2024

### Conversa 1 – Roberta Nogueira

**Letícia:** Eu queria saber como surgiu, quem teve a ideia, o que motivou o surgimento do Clube?

**Roberta:** O Clube de Mães surgiu no dia 6/05 de 2018, foi um grupo de mulheres que se juntou aqui na minha casa, na rua da Reforma Urbana, com a visão de revolucionar o conjunto onde nós moramos, nosso residencial.

Porque a gente olhava pra um lado, olhava pro outro, e a gente não via movimento de nada, e aí surgiu nessa reunião, onde tinha várias pessoas. Inclusive Dona do Carmo estava presente, e outras pessoas mais. Tinha mais de 10 pessoas.

A gente se articulou assim: o que fazer? Será uma associação, uma instituição, um instituto? Aí surgiu o nome Clube de Mães, com um formato de um coração. Porque muitas pessoas falam que coração de mãe sempre cabe mais um. Então foi nesse sentido que surgiu o coração com uma mulher grávida dentro. Porque muitas sementes serão germinadas dentro desse coração, junto a essas mulheres, que hoje, nós somos 365 mulheres.

Que fazem parte do grupo do whatsapp, onde também surgiu a necessidade de se manter em contato com umas e as outras. Então desde 2018 estamos nessa luta, buscando não só a infraestrutura, como a educação, capacitação profissional dessas mulheres, buscando o entendimento dessas mulheres e de nós mesmas enquanto mulher e mãe. Enquanto avós, tias (...) e assim foi a criação do Clube de

Mães, pra buscar junto com a coordenação e com os membros, coisas melhores pro nosso Maria Firmina.

Porque aqui, nós somos esquecidas pela sociedade e pelo governo. Municipal, estadual. Em função da infraestrutura, que nós não temos, o lazer, que também nós não temos, a área da educação também, que nós não temos uma creche, não temos escola de fundamental. Não temos posto de saúde. O Maria Firmina é assistido pelo posto Canaã, que é longe, depende de transporte, se precisa de um lazer, precisa de transporte. Se precisa de educação ou capacitação, precisa de transporte. Então, em função de todas essas dificuldades, nós sentamos, várias cabeças pensando, por que não trazer esses projetos pra dentro da comunidade do Maria Firmina?

Nós focamos, em maioria, nas mães em situação de vulnerabilidade, mães solo, mas não significa que não atendemos pais. A maioria são mães chefes de família, que dependem da assistência de programas do governo federal.

**Letícia:** E o que te sensibilizou pra ajudar essas mulheres?

**Roberta:** Foi a necessidade, que eu passo, enquanto mãe, mulher e beneficiária do bolsa família. Se eu passo, tendo meu marido, que me ajuda, imagina aquela que não tem companheiro pra ajudar. Ou que tem um companheiro, mas tá doente, ou não pode trabalhar, ou tem alguma deficiência. Então ela tem que se virar em dobro. Então eu pensando, pensei, por que não? E estamos aqui há seis anos nessa luta, buscando melhorias pras mães e seus filhos.

Um dos cursos que me sensibilizou muito foi o curso de alfabetização de jovens e adultos, que teve pessoas que participaram, e hoje sabem fazer seu nome. E hoje sabem ler um nome num letreiro. Me emociona muito, porque ninguém nasce sabendo e ninguém morre sabendo tudo.

Essas capacitações dos cursos, que por aqui passaram... tem essas mulheres, muitas que já estão no mercado de trabalho, outras estão estudando, outras estão buscando.. Isso me deixa muito satisfeita.

Quando eu tô com a minha coluna arreventada, que Dona Débora chega com remédio, que dona Maria chega com mingau, ou quando Nice vem me esculhambar.. isso me motiva (...) quando as coisas tão difíceis, e eu converso com Dona Maria, Dona Débora.

**Letícia:** E eu vejo que vocês se enxergam como uma família, como foi isso? Porque vocês não se conheciam.

**Do Carmo:** Sim, foi tudo através do Clube de Mães. Foi trabalho de formiguinha.

**Dona Débora:** Dona Roberta, como eu moro na rua dela, ela me convidou. Aí eu já convidei a dona Maria. Aí convidei a minha irmã, convidei não sei quem...

**Do Carmo:** E eu também fui convidando, então assim, a gente foi se conhecendo.

**Dona Débora:** A minha irmã, ela não mora aqui, ela mora no São Raimundo. Mas qualquer atividade que a dona Roberta faz aqui, ela vem. Ela fica na minha casa uma semana, pra fazer curso, pra fazer tudo. Porque lá em São Raimundo não tem. E quando ela não tem a passagem pra vir, dona Roberta dá um jeitinho, eu dou um jeitinho, e ela vem. Aí dona Maria chegou pra morar aqui também, nós botamo ela no grupo.

**Maria:** Eu sou novata, tenho dois anos. Aí quando eu vim pra cá, minha comadre já conhecia a dona Roberta, aí ela falou "- Por que tu não vai lá no Clube de Mães?" e eu "- Mas eu lá sei onde é isso, mulher!", e ela "Minha filha, é bem aqui, atrás da tua casa".

Aí conheci dona Débora, através de dona Clarice. Aí eu dizia pra Débora "- Ah, mas eu não gosto de ti" e ela "- Ah, tá bom". Assim que eu cheguei lá em casa, eu achei ela toda metida. Aí, quando ela me trouxe pra dona Roberta "- Vamo lá na dona Roberta, que vai ter entrega de peixe". Eu "- Opa, adoro peixe. Vou lá". Aí eu falei minha história pra ela, e ela "- Amanhã tu vem na minha casa". Gente, eu não ia. Um dia eu fui, que isso ia me tornar ela minha amiga e eu amiga dela. E de lá vou conhecer outras amizades.

Aí vim, aí ela me colocou no Clube de Mães, gente, eu a amo. Não por causa de benefício de cesta, não. Eu venho pra cá porque eu amo quando tem as reuniões, eu amo quando tem as palestras, os cursos que a dona Roberta traz. É emocionante. Aí eu falo assim "- Dona Débora, eu não vou porque eu não sei ler" e ela diz "- Vai, a senhora vai que eu lhe ajudo".

Às vezes eu chego aqui, eu olho a tristeza na face, na cara, dela e eu pergunto "- Que foi, minha velha?", aí a gente vai, senta, conversa.

**Letícia:** E a senhora, Dona do Carmo, o que o Clube de Mães representa na sua vida?

**Do Carmo:** Ele ajuda bastante. Tem o programa do peixe, tem cesta básica, tem patrocínio, a equipe do médico. Os cursos são muito bons, os passeios. Tem diversão também, é muito bom. Mês passado, eu precisei da dona Roberta pra resolver uma situação, e ela me ajudou bastante (...) É uma pessoa que a gente pode contar com ela. Se tiver precisando, mesmo que ela não tenha, ela dá um jeito e ela consegue. Ela honra o compromisso dela.

**Dona Débora:** A gente tem também uma amiga, em São Cristóvão, ela também fez um curso de hospedagem no Ifma, pelo Clube de Mães. Ela foi chamada pra trabalhar, ela agradece tanto à dona Roberta. Ela estava há 4 anos desempregada. Agora, ela está trabalhando em um hotel.



Na revisitação da obra "On Social Control and Collective Behavior"<sup>7</sup>, Harvey (2012) afirma que a cidade que queremos está atrelada às relações que buscamos, e as pessoas que desejamos ser. Sendo, portanto, o direito à cidade, muito mais do que um direito de acesso individual, e sim um direito que depende do exercício coletivo.

## **4 PERCURSO CARTOGRÁFICO**

### **4.1 Design gráfico enquanto agente transformador**

O historiador de design Marcos Braga (2011, p. 10) afirma que em 1922, o termo graphic design foi criado pelo tipógrafo William Dwiggins “para descrever as atividades de alguém que trazia ordem estrutural e forma visual à comunicação impressa” (Meggs, 2009, p.10). A alcunha “designer gráfico” foi criada pelo mesmo tipógrafo, para caracterizar o profissional que trabalhava com comunicação impressa, atividade esta que existia desde o século XIX (Braga, 2011, p. 13). De lá pra cá, a definição de designer gráfico foi abarcando as mais diversas atividades relacionadas à comunicação e programação visual. Essas concepções foram remodeladas através do tempo, e para Bonfim:

[...] variam de acordo com os contextos socio-econômico-políticos e temporais que foram criadas. São, portanto, definições formais, ou seja, convenções que têm validade limitada a um determinado espaço histórico e geográfico, ainda que muitas vezes sejam utilizadas como se fossem universais (Bonfim, 1998, p. 09)

Refletir sobre como o design nasceu no berço da Revolução Industrial e adotou suas características voltadas para a produção e o consumo em série, é fundamental para não esquecer seu potencial colonizador e eurocêntrico na área da venda de produtos e serviços. A arquiteta Guizzo (2019, p. 20) reforça como devemos desestabilizar e questionar nossas bases coloniais e patriarcais nas quais consolidamos nossos métodos de concepção de projeto. Nas palavras da autora, "a arquitetura e o urbanismo devem ser meios à margem de um rio a ser inventado a partir de uma metamorfose necessária dos métodos de projeto (...)", e assim pensamos o design.

---

<sup>7</sup> Obra de Robert Parks, publicada originalmente em 1967, em Chicago.

Para Braga (2011, p. 45), uma das principais funções do design gráfico é a de tangibilizar ideias visualmente. No entanto, o tipo de mensagem, e como ela foi traduzida, não vem por meio de um viés imparcial. A maneira como uma mensagem é comunicada parte de princípios ideológicos, e para Ruben Pater (2020) a neutralidade política no design não existe. Todo design “serve ou subverte o status quo” (Fry, 2010 apud Pater, 2020), assim, as decisões éticas decididas em meio ao processo de criação de design compõem uma narrativa com caráter político. Ele ainda afirma:

Um projeto não pode ser desconectado dos valores e dos conceitos que os originaram, das ideologias por trás dele. De início, pode ser difícil enxergar a relação entre comunicação visual e ideologia, afinal tudo ao nosso redor tem ideologia, ela já está naturalizada (Pater, 2020, p. 2 e 3).

Flusser (2007, p. 196) nos conta como o viés técnico-científico do designer que projeta um objeto, pode se tornar irresponsável para seus sucessores, pois a criação pode acabar se resumindo ao próprio objeto, esquecendo-se do foco subjetivo: as pessoas. Ter isso em mente é importante para que o progresso técnico-científico não deixe de acompanhar os homens. Segundo o autor, é quando criamos designs imateriais que estamos realmente trabalhando em uma configuração que enfatize aspectos comunicacionais, intersubjetivos e dialógicos (ou seja, focado nas pessoas) ao invés de um viés objetivo (focado apenas no objeto). Dessa forma, Flusser (2007, p. 198), ao tratar de um design imaterial, aponta a conduta responsável que o designer incorpora, de forma espontânea, ao pensar no seu projetar. No entanto, mesmo nesses casos, o autor não deixa de destacar que a responsabilidade só é concretizada de fato, quando se pensa na efemeridade do projeto, e em como se dará futuramente a sua consumação.

Em 1999, um manifesto publicado pela revista canadense *Adbusters*, o *First Things First 2000*, foi capitaneado por Ken Garland e revisitou o manifesto original de 1964:

(...) os designers contribuem para a manutenção de um discurso que satura a população com mensagens comerciais, cujo mercado seria a melhor maneira de aplicar seus conhecimentos e atividades em design, tornando atividades menores outras formas de atuação. Sugere a produção de formas de comunicação visual que não sejam efêmeras como são as da comunicação publicitária. (Marcos Braga et al., 2011, p. 51)

Flávia de Barros Neves em “O papel social do design gráfico” (Marcos Braga et al, 2011, p.45) explica que o conceito de design social costuma ser mais presente

nas discussões acadêmicas, graças a professores e outros profissionais da área que lutam por uma reflexão crítica dentro da profissão. Um dos principais objetivos dessa discussão é estimular uma consciência crítica do papel exercido no trabalho do designer, e de mostrar a potencialidade que o trabalho gráfico tem de tocar outras pessoas e promover a transformação. Jorge Frascara (2000, p.19), define o design “como uma disciplina dedicada à produção de comunicações visuais para afetar o conhecimento, as atitudes e o comportamento das pessoas”. Um design engajado pode construir ferramentas para traduzir ideais de melhorias sociais (Marcos Braga et al., 2011, p.46) e aproximar laços dos designers com a sociedade.

Este trabalho de conclusão de curso busca encontrar meios, dentro do design gráfico, de exercer minimamente a cidadania e a responsabilidade social ao registrar a história de mulheres que lutam pela sua própria sobrevivência, em um ambiente fora do foco de atenção dos grandes centros urbanos. O registro da memória do Clube de Mães contribui para preservar suas histórias e expandir suas ações para outras pessoas, que ao serem afetadas, possam contribuir com o apoio ao Clube, ou à comunidade.

## **4.2 Mapas afetivos**

Para percorrer este trabalho, é preciso trocar as lentes que nos habituamos a enxergar os rastros urbanos, porque por aqui, ousamos acreditar na cidade como um suporte expressivo (Guizzo, 2008). Assim, buscando compreender de forma mais expressiva, a territorialidade e corporeidade das integrantes do Clube de Mães, acionamos os mapas afetivos de Becky Cooper (2013), e alguns conceitos geográficos de Cosgrove (1985) para auxiliar nesse processo de investigação urbana e social.

A cartografia, enquanto expressão artística, nos oferece a possibilidade de traçar encontros do corpo com o seu território, registrar narrativas e mapear memórias. Quando criamos um mapa, temos a chance de contar histórias. Mas antes de contá-las, precisamos esclarecer alguns conceitos geográficos para entender de forma mais aprofundada.

A paisagem, é um modo de ver, que se relaciona com as transformações na sociedade, envolvendo a apropriação e controle do espaço (Cosgrove 1985, apud Corrêa, 2011). Aqui, iremos trabalhar com a noção de que cada indivíduo se

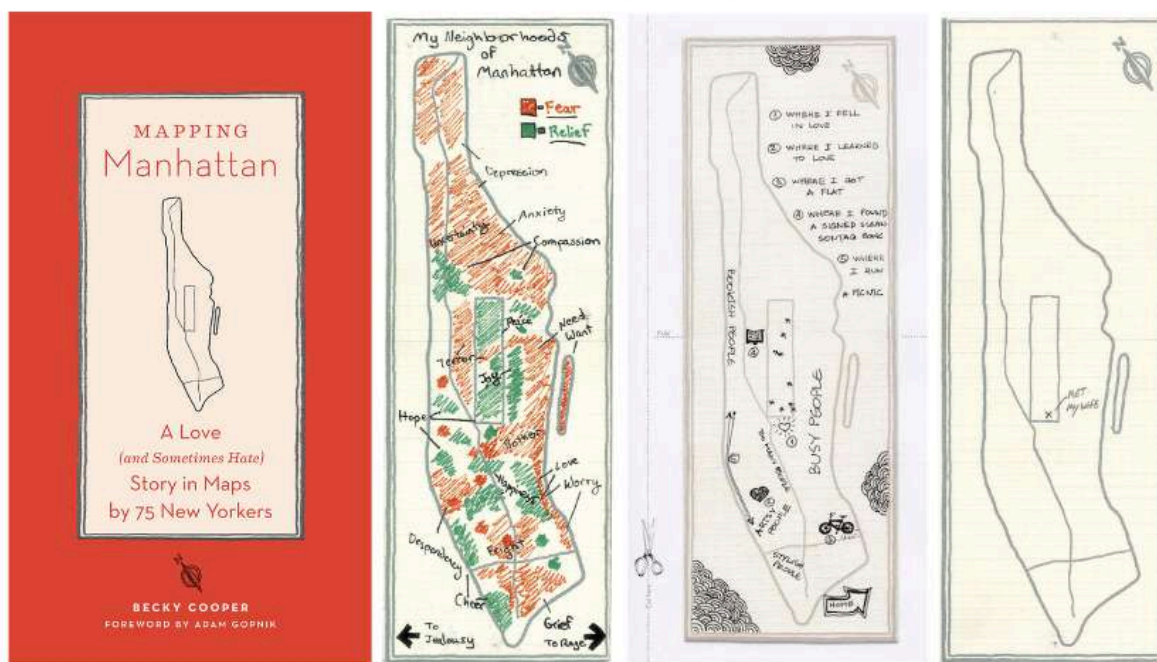
relaciona de forma subjetiva com o próprio território, e é este mesmo indivíduo que gera sentido para a paisagem em que habita, de acordo com a forma com a qual ele se apropria desse espaço (Bonfim, Costa e Silva, 2019).

"A paisagem, argumenta Cosgrove, tem um sentido político, constituindo-se em uma ideologia visual" (Cosgrove, 1985, p. 12 apud Corrêa, 2011). A paisagem pode ser mapeada através das cartografias, e visualizar a expressividade escondida nas frestas, para tentar captar a vivência das moradoras de forma mais subjetiva, é uma das possibilidades que o design nos oferece para construir cartografias e remodelar ideologias. "Mapear afetivamente um lugar é ajudar na construção do mesmo, na ressignificação e na definição do que ele é" (Araújo, p. 25, 2019).

Um bom exemplo disso são os mapas afetivos de Becky Cooper, citados por Araújo (2019) em sua pesquisa "Um Caminho para Mãe Luiza: potencializando relações afetivas com o espaço urbano", referência motivadora para esse trabalho:

Mapear o espaço citadino é tornar visível as cidades particulares que existem dentro da cidade que é de todo mundo, as que estão escondidas nas esquinas, nos becos, atrás das lojas, pelas quais muita gente frequenta e não consegue perceber (COOPER, 2013, p. 9).

Figura 19: Mosaico de figuras com Livro Mapping Manhattan e mapas "Fear and Relief", "Where I fell in love" e "Met my wife" que compõem o livro



Fonte: Blog da autora (Map your memories) e The New York Times Archive, 2024

Maria Popova (2013) conta que Becky Cooper se tornou cartógrafa de forma acidental, quando foi contratada para mapear arte pública em Manhattan. Um dia, ela decidiu fazer um mapa que contasse uma história real daquele lugar, e pra isso, ela fez um trabalho colaborativo com pessoas desconhecidas pela cidade. Becky imprimiu diversos mapas, e percorreu Manhattan entregando-os a estranhos, pedindo que eles desenhassem a cidade de acordo com a percepção deles. Isso resultou num livro com dezenas de mapas, feito por diversas pessoas, com mapeamento de primeiros amores, lembranças de infância e até despedidas. (The Marginalian, 2013)

Essa variedade de olhares através de uma mesma cidade, é uma boa maneira de retratar a cidade enquanto suporte expressivo, como citado no início desse capítulo por Guizzo (2008). Assim, quando optamos por encarar o mapa de forma ampliada, para além de suas linhas e demarcações, mas enquanto um relato (Marquez, 2013), conseguimos acessar informações que não seriam mostradas de primeira, como um mapa tradicional sugere. O significado se expande, a memória é acessada e resgatada.

Ao ouvir as histórias das mulheres do Clube de Mães, observando também a paisagem de forma atencional, conseguimos recolher fragmentos de um passado, para tentar resgatar uma memória, e até mesmo imaginar um futuro através das cartografias. Como citado por Tainá Evaristo, designer gráfica e sobrinha-neta da escritora Conceição Evaristo, "A gente acredita que a nossa memória preta acaba sendo uma colcha de retalhos, a gente vai juntando peças de onde consegue" (Multiprosa, 2024).

### **4.3 Bio-cartografias**

Pereira (2020) traz o conceito de bio-cartografias como um caminho de se pensar a cidade através da própria vida que existe nela, dentro dos territórios familiares, das relações sociais que atravessam as paredes de suas próprias casas, compondo a cidade e construindo novas relações sociais, motivadas principalmente pelo afeto. A autora utiliza uma perspectiva interseccional, sempre partindo de um olhar que possa resgatar as camadas de raça, racialidade e gênero que estão inseridas na cidade. Esse filtro é importante para essa pesquisa, devido às participantes serem majoritariamente mulheres negras.

Pereira (2020) questiona ainda como pensar nos territórios a partir desse afeto, afirmando que este pode ser uma potência para reimaginar relações e novas possibilidades de histórias. Entender a ocupação do bairro Residencial Maria Firmina I e II a partir do tensionamento de suas próprias histórias com questões de gênero, raça e política é uma posição importante para provocar o debate acerca do direito à cidade.

Olhar sob essa geografia ampliada facilita o entendimento da motivação da organização sócio-espacial do Clube de Mães Residencial Maria Firmina I e II. Ao revisitarmos essa história, as bio-cartografias nos concedem a liberdade de traçar e elaborar enredos possíveis vinculados àquele local, que não estejam necessariamente dados (Pereira, 2020).

Quando pensamos na origem de um território marginalizado a partir da narrativa dos grupos sociais que ali vivem, ajudamos a diminuir o risco de soterramento da história de vivência urbana desse lugar. Trazer à tona esses diálogos é importante para visibilizar as marcas de luta desse Clube.

Evidenciar os rastros urbanos dessas mulheres permite que nossas colagens e mapas retratem a identidade de cada uma dessas agentes criadoras do espaço público. Mostrar de que forma elas exercem protagonismo, e ocupam seu próprio bairro para conquistar transformações sociais é uma maneira de driblar o apagamento presente na urbanização das cidades feitas para esquecer.

#### *4.3.1 Moodboard*

Como estratégia para fazer a concepção das colagens das bio-cartografias, foram criados dois moodboards para compilar imagens que trouxessem histórias afetivas, territórios e mapas. Os moodboards serviram de instrumento para construir metáforas através das interações das imagens que o compõem (Pereira, 2010) facilitando, assim, a visualização de como as histórias conversariam com os mapas. Por último, os moodboards foram divididos em Mapas e territórios e Histórias e identidades.



Figura 21: Histórias e identidades



Fonte: Autoria própria (2024)

#### 4.3.2 Processo das colagens

A estrutura das bio-cartografias foram divididas em 3 páginas, a primeira sendo representada por uma colagem que reúne aspectos subjetivos da biografia e identidade de cada uma das entrevistadas; a segunda possuindo foco em fotos de eventos afetivos, tais como festa de casamento ou comemoração de aniversários com a família; e a terceira é voltada para o território do Residencial Maria Firmina, mais precisamente para a rua que cada uma delas constrói sua história hoje, junto a alguns outros cruzamentos com a vida que ali habita, seja de forma figurada, no nome da rua, por exemplo, ou concreta, como placas e plantas presentes.

A primeira bio-cartografia<sup>8</sup> foi do Clube de Mães, que surgiu a partir de uma roda de conversa com as mulheres sobre o surgimento do mesmo<sup>9</sup>. Para sua composição, coloquei ao fundo o mapa do bairro, junto com uma foto que tirei de algumas crianças que estavam brincando numa das visitas de campo. Também digitalizei a logo do Clube de Mães, e fiz uma composição com uma foto que tirei de uma de nossas reuniões, e juntei com dois outros registros tirados por mim, um da

<sup>8</sup> Figura 24.

<sup>9</sup>Entrevista **Conversa 1 – Roberta Nogueira**, página 45.



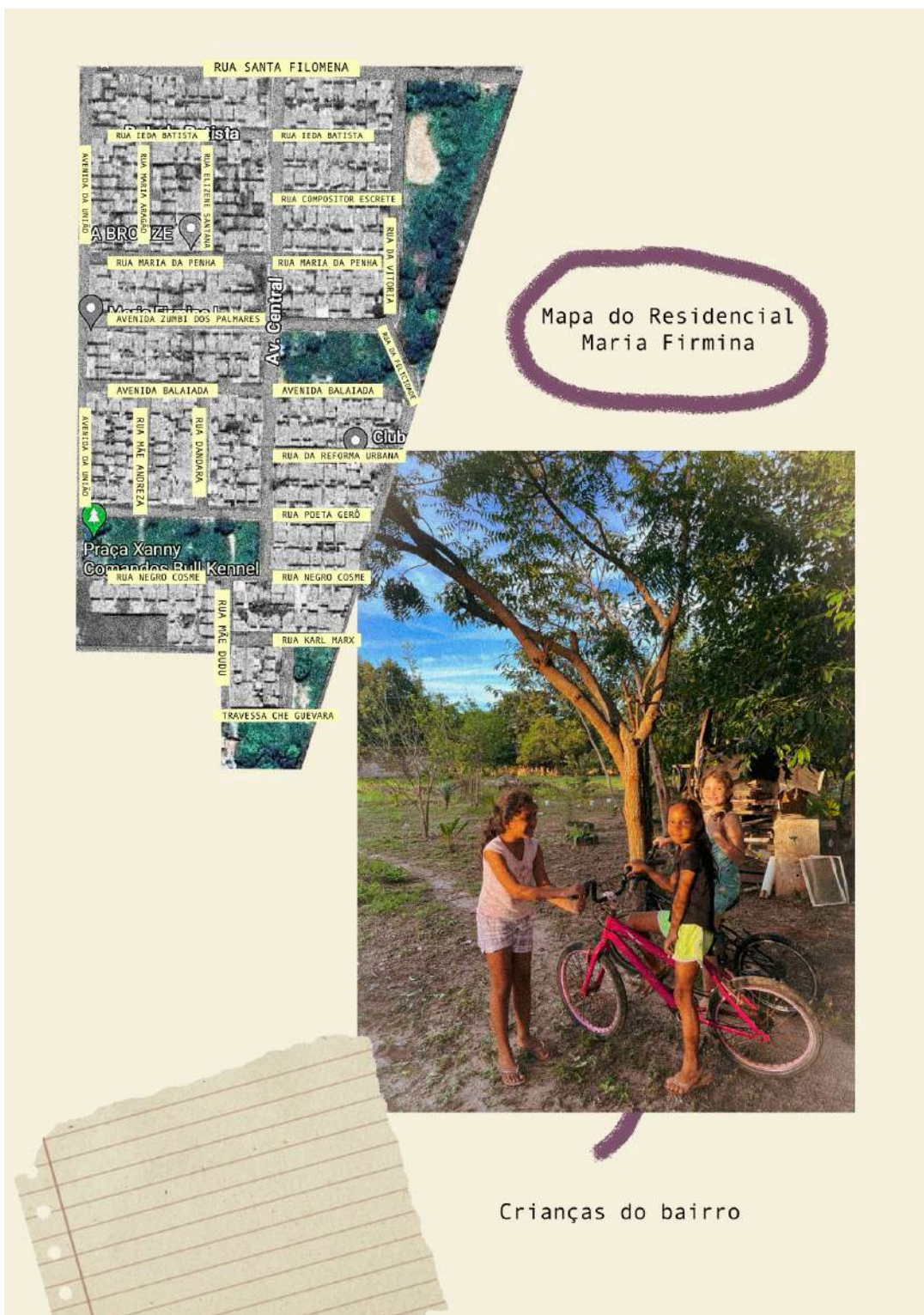
neta de Dona Débora tomando bença para uma vizinha, e outro de uma casa do conjunto, localizada na Rua da Reforma Urbana, rua a qual realizamos todas as nossas reuniões. Os textos presentes na colagem são algumas falas marcantes de Roberta Nogueira durante a roda de conversa.

Figura 22: Processo Bio-Cartografia afetiva 1 - Clube de Mães



Fonte: Aatoria própria

Figura 23: Processo Bio-Cartografia afetiva 1 - Clube de Mães



Fonte: Autoria própria

Figura 24: Bio-cartografia afetiva 1 - Clube de Mães



Fonte: Autoria própria

A segunda bio-cartografia<sup>10</sup> foi sobre o Residencial Maria Firmina I e II. Nela, escolhi colocar uma imagem da escritora Maria Firmina, homenageada pelo conjunto, no centro da imagem, sendo rodeada pelo mapa do Maranhão. Para o fundo, coloquei imagens das manifestações do movimento por terra do União Por Moradia Popular, seguido de uma foto do canteiro de obras dos primeiros loteamentos do Residencial Maria Firmina I e II.

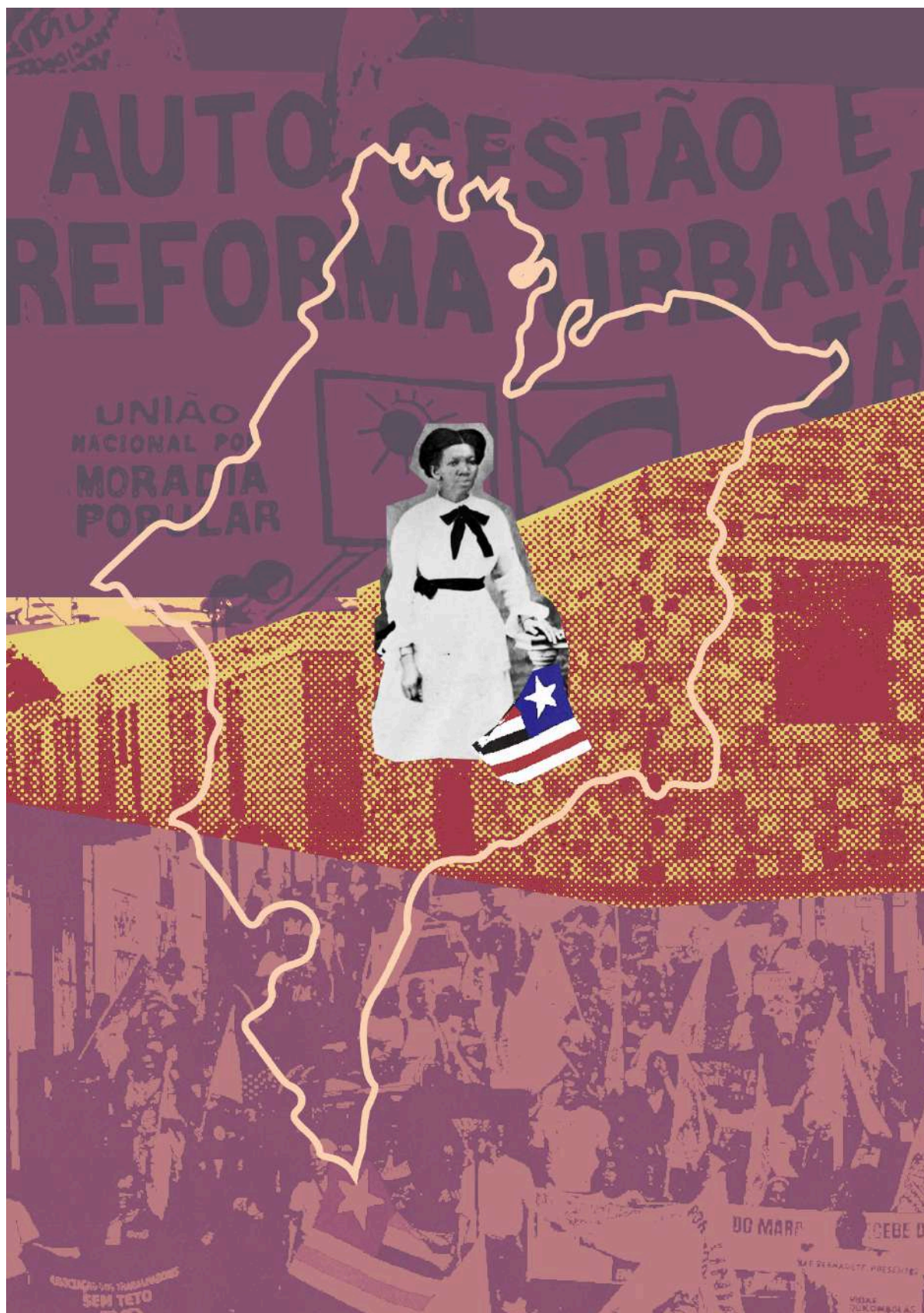
Figura 25: Processo Bio-Cartografia afetiva 2 - Residencial Maria Firmina



Fonte: Autoria própria

<sup>10</sup> Figura 26.

Figura 26: Bio-cartografia afetiva 2 - Residencial Maria Firmina



Fonte: Autoria própria

As últimas bio-cartografias são referentes a relatos da história de vida de Débora Lopes, Do Carmo e Lais Cristina. Foi feita uma roda de conversa, na qual todas as mulheres presentes compartilharam um pouco da história de onde vieram, onde nasceram, como chegaram até o Residencial Maria Firmina, e como se formaram suas famílias. Durante os relatos, elas contam também um pouco sobre o que fazem hoje e quais são seus anseios.

### **História 1 – Débora Lopes (ou Dona Débora), 46 anos**

**Dona Débora:** Eu comecei criança fazendo unha... nós era pequena lá em casa.

A minha mãe não deixava a gente fazer comida, porque o papai não comia então eu não aprendi nada em casa. Só varrer casa, limpar casa. Ele não comia a comida que a gente fazia, só a da minha mãe. Tanto que, quando ele morreu, sabe qual que era o cumê dele? Macarrão, leite e pão. Era a comida dele.

Aí, eu fui logo namorar... 13 anos, casei, meu marido que me ensinou eu a fazer unha.

**Letícia:** É o mesmo?

**Dona Débora:** É o mesmo marido, até hoje.

**Roberta:** 13 anos, Dona Debora?

**Dona Débora:** É, foi. Cezar que me ensinou. Ele que me ensinou a cozinhar, fazer unha, ele e a mãe dele. A mãe dele me ensinou a fazer bolo.

(...) A gente foi morar só numa kitnetzinha, com 13 anos. O meu fogão era um fogareiro, uma frigideira e uma panela. E três pratos. E três colher. Que eu levei da casa da minha mãe.

**Letícia:** Era o enxoval?

**Dona Débora:** Era. A gente foi morar assim. Minhas coisas eu levei numa sacola preu morar com ele. Eu morava no São Bernardo, eu só fui um pouquinho mais pra frente, numa kitnet da casa da minha mãe. E ele morava na Cohab.

**Letícia:** E vocês se conheceram como?

**Dona Débora:** Através do namorado da minha irmã. Ele ia deixar as coisas do namorado da minha irmã. Não era questão de ser acesa, era assim, como minha mãe era cearense, ela prendia muito a gente. Ela dizia que se a gente fosse pra rua, a gente não era mais virgem.. ela dizia tanta coisa assim, e eu achava assim, que queria arrumar alguém que me acolhesse, que me tirasse de casa, tendeu?

**Letícia:** A senhora queria ter sua liberdade?

**Dona Débora:** A minha liberdade. Eu com onze doze anos...tinha uma senhora que morava lá perto de casa, ela vendia óleo na lata. Era na lata. Nós vendia no ferro-velho. Eu ia com ela pra comprar meu brinco e minha pulseira porque eu tinha vaidade. Sempre teve. Minha vida inteira.. eu sempre fui vaidosa.

Ai eu queria ter brinco, queria ter relógio, ela não dava, não tinha condição de dar.. e também não deixava a gente pegar de pessoa. Então eu ia com essa senhora, nois ia vender lata lá no São Cristovão, e ia vender saco de café Maratá lá no João Paulo, de pés. De pés, eu ia com ela. E ai nisso daí eu arrumei meu marido com 13 anos, e aí ele me ensinou a cozinhar, me ensinou a fazer unha, ele me ensinou a bater bolo mais a mãe dele.

**Letícia:** A senhora acha que casou com ele mais por gostar ou mais por querer ter sua liberdade?

**Dona Débora:** Eu, assim.... de gostar a gente gostava. Tendeu? Eu, mas eu era assim... eu queria ter a liberdade, tendeu? Aí eu fui aprendendo a gostar mais.

**Dona Roberta:** Foi aprendendo com a convivência...

**Dona Débora:** É..

**Dona Débora:** Ai eu passei.. a gente foi morar nessa kitnet, eu não engravidei logo porque ele me dava remédio porque como ele era mais velho que eu, 15 anos, ele sempre me deu remédio pra mim não engravidar.

Ai eu fui fazer um tratamento aqueles furúnculo na pele, aí eu parei de tomar o remédio. Eu fui engravidar com 18 anos, eu ia fazer 19, falta um mês.

Eu engravidei do primeiro filho, passei 4 anos sem engravidar. Aí eu vim fazer o curso de gastronomia. Eu, ele e o filho dele. Eu trabalho nisso hoje. E temos dois filhos, fui mãe.

**Leticia:** Tu fez gastronomia onde?

**Dona Débora:** Fiz gastronomia no Senac e no Sebrae. Minha professora Tia Noca, do Sebrae ela disse que eu fui a única aluna que ainda faz esse serviço até hoje.

**Leticia:** E quando foi esse curso?

**Dona Débora:** Em 2000. Eu morava lá no Parque Vitória.

**Leticia:** E ficou trabalhando em que?

**Dona Débora:** Em evento. Eu trabalho pra mim mesma.

**Leticia:** Com que tipo de comida?

**Dona Débora:** Todas. Todo tipo de prato. Jantar, churrasco, feijoada, macarrão. Tudo, tudo. A pessoa contrata a gente, a gente leva até as louças. Mas antes de ser mãe, eu peguei duas meninas que a mãe morreu, eu peguei pra criar.



Ela era a primeira mulher do meu marido hoje, ela morreu, ela infartou, e já tinha as meninas. Mas não eram filha dele. Ela trabalhava em casa de família, ela chegou, ela tinha engomado muita roupa nesse dia, lavou a mão e nisso ela infartou. O povo diz que antigamente deu choque térmico.

Elas são registradas como minhas filhas, todas as duas. Dois meu mesmo, de sangue, e mais essas duas meninas. Aí nós tamo até hoje.

**Leticia:** Moram todo mundo junto?

**Dona Débora:** Não. Elas eu botei pra estudar (...) elas hoje tem 27, uma tem 28. Elas foram morar em Brasília, moram lá. Terminaram os estudos, faculdade, tudo e moram lá. Inclusive eu vou todo ano, tem ano que eu não quero ir porque sou rebelde, uma mãe rebelde.

**Leticia:** Vocês se dão bem?

**Dona Débora:** Demais. Ainda agorinha mesmo uma botou crédito pra mim, que eu não tinha mais.

*Intervalo*

(...)

**Leticia:** E o que tu mais gostava de fazer na adolescência?

**Dona Débora:** Eu gostava de ir pro reggae. A minha adolescência foi casada. Ele cozinhou pra mim, aí eu aprendia com ele. Porque ele sempre trabalhou com isso.

Mas só que eu ainda tenho um preconceitinho, eu não gosto de dizer que é eu não, que cozinho.

**Leticia:** Como assim?

**Dona Débora:** Porque eu não gosto de me apresentar, quando alguém pergunta quem foi que cozinhou eu digo que é ele, porque eu tenho medo de receber crítica.

Figura 27: Processo Bio-cartografia afetiva 3 - Dona Débora

Foto da Dona Débora em frente sua casa, tirada por mim

Casamento de Débora

Porque eu não gosto de me apresentar, quando alguém pergunta quem foi que cozinhou eu digo que é ele, porque eu tenho medo de receber crítica.

Fotografias de radiolas e festas de reggae no Maranhão

gostava de ir pro reggae

eu sempre fui vaidosa

Fonte: Autoria própria

Figura 28: Processo Bio-cartografia afetiva 4 - Dona Débora



Foto da Dona Débora  
com sua filha e netos,  
tirada por mim

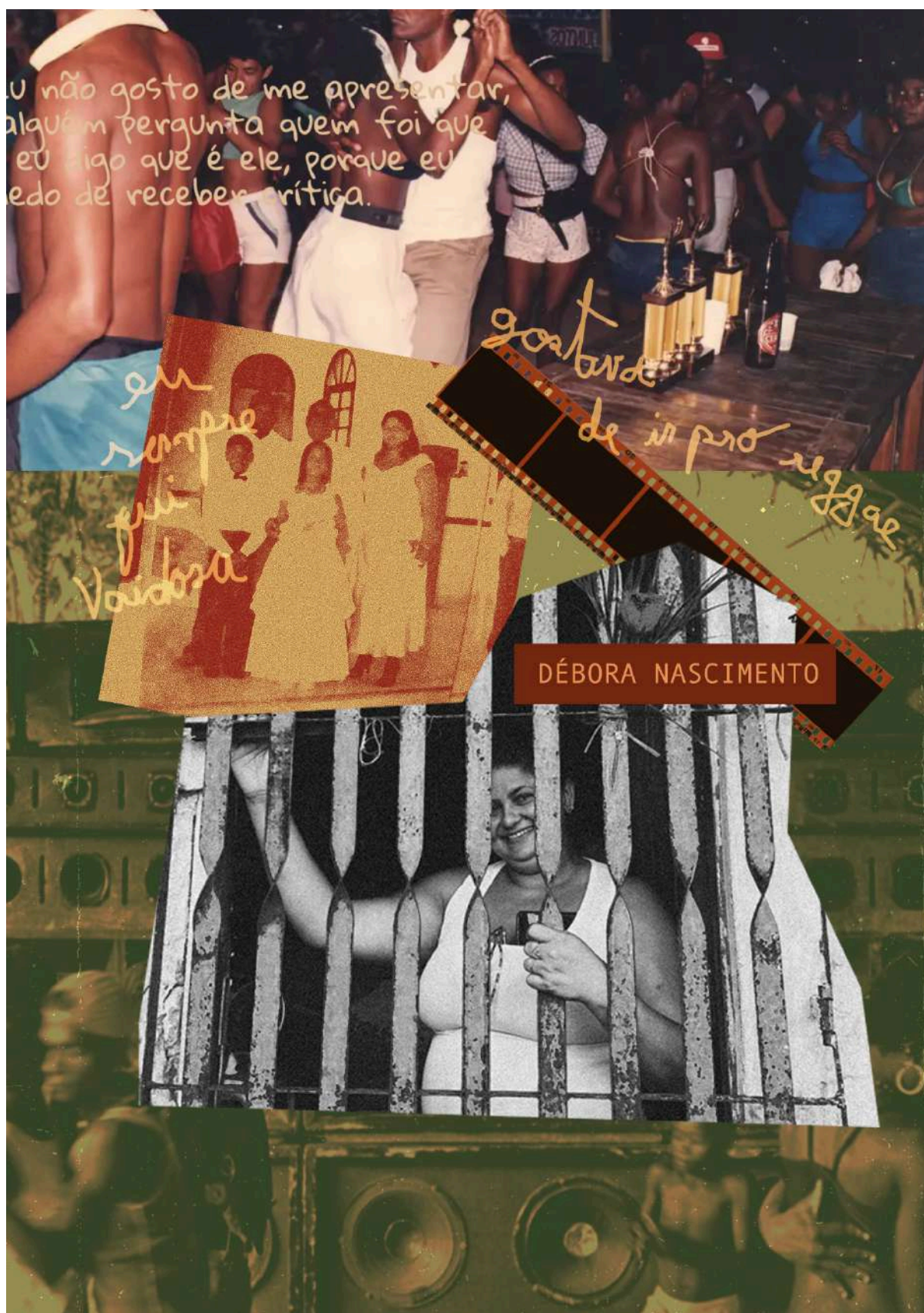


Fotos do acervo pessoal  
da Débora e sua família



Fonte: Autoria própria

Figura 29: Bio-cartografia afetiva 3 - Dona Débora



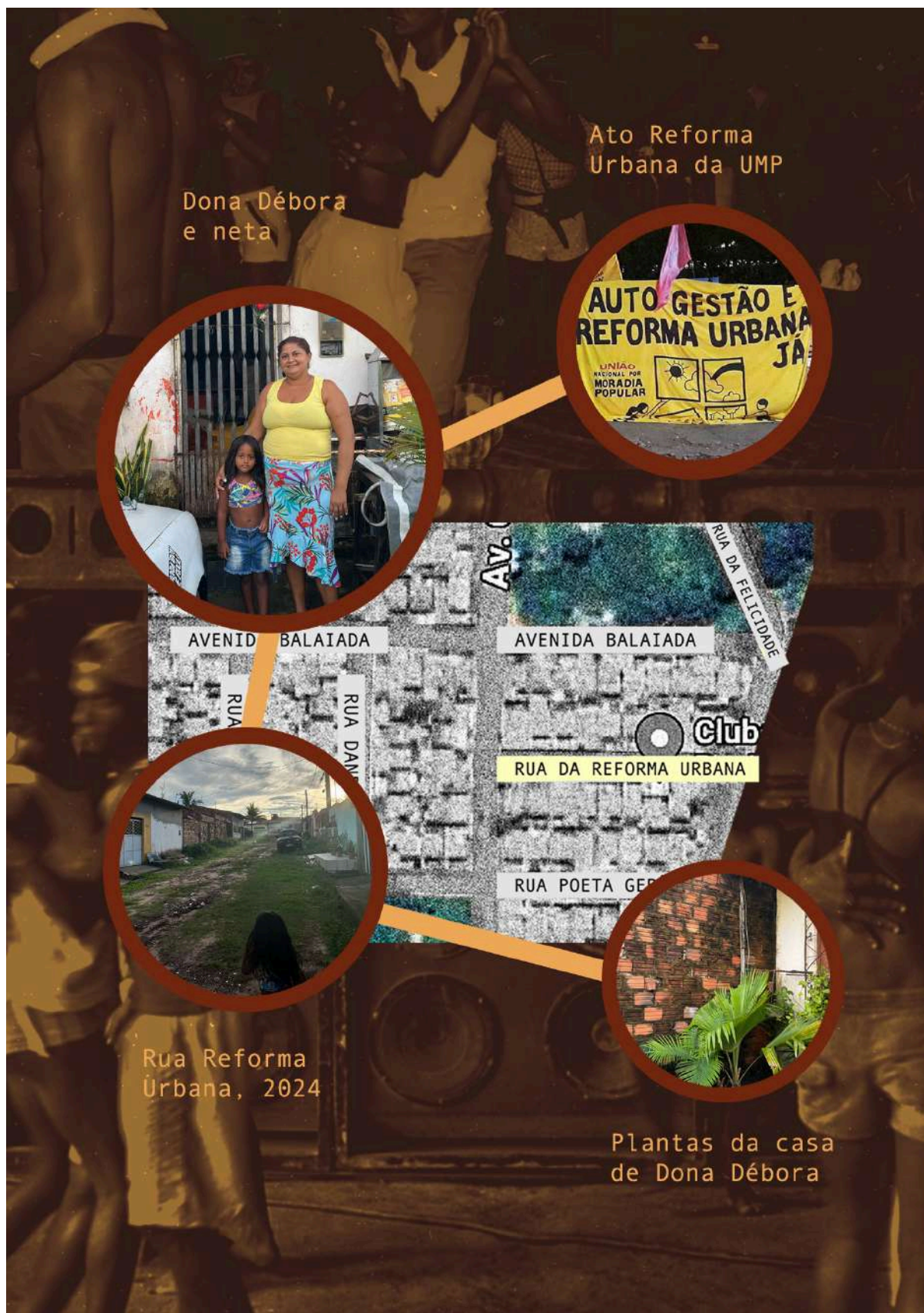
Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 30: Bio-cartografia afetiva 4 - Dona Débora



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 31: Bio-cartografia afetiva 5 - Rua da Reforma Urbana



Fonte: Autoria própria (2024)

## **História 2 – Do Carmo ou "Dona Lôra", 48 anos**

**Do Carmo:** Bom... desde quando eu me entendo por gente, minha mãe sempre trabalhou na roça. E o local.. minha mãe é de Cururupu. Eu nasci em Cururupu. Nascida e criada em Cururupu.

E aí eu comecei a ir para a roça, desde criança já, pequena mesmo. E eu gostava de ir na roça, quando tinha milho, tinha melancia, abóbora, maxixe. Porque mamãe enquanto ela capinava, a gente colhia as coisas né, os legumes.

**Letícia:** Sozinha?

**Do Carmo:** Não, era eu e mais uns três, a quatro. Na época, mamãe teve dez filhos. Os outros já eram bem grande, e cada um ia saindo para trabalhar fora. Fora que eu digo, é em casa de família. Que a gente morava dentro do mato né, morava numa casa de taipa, de barro, não tinha vizinho perto. A única coisa que tinha era uma casa do forno, que mamãe fazia farinha para vender para poder ter o alimento né.

E aí eu comecei, na época eu lembro que eu cheguei na idade de 10 anos, aí de repente apareceu um casal, me perguntou se minha mãe não queria me dar para eles. Pra mim estudar né, para ter mais... como é que eu posso dizer? Para ter um conhecimento melhor né. Pra me dar roupa. Porque a gente não tinha roupa, mamãe fazia roupa para gente com pedaços de rede né, pedaço de pano.

Colchão a gente não tinha, o colchão aqui que mamãe fazia pra a gente, era... no igarapé, na água doce né, no rio tinha um tal de "juncá". Era umas canudinho, que é tipo um palito, desses de guaraná da amazônia. E aí mamãe cortava, e botava para secar. Picava tudinho, fazia um saco, botava dentro e costurava para fazer o colchão.

A cama, era quatro forquilha no chão, aí ela botava os pau e botava o colchão em cima. E a gente passou muita fome na época. Teve uma época que que invadiram o sítio onde a gente morava, e levaram as galinhas que mamãe criava. Na época, a mamãe criava muita galinha no verão, pra gente comer no inverno né. O que nunca

faltou assim, foi a galinha caipira e farinha. Porque trabalhava o verão todinho para comer no inverno, para não faltar essas duas coisas, mas que a gente não sabia o que era um biscoito recheado, a gente não sabia o que era um pão.

A gente era totalmente isolado, a gente era tipo índio, entendeu? A gente morava totalmente isolado no mato. A gente morava assim um pouco em cima, e lá embaixo era o rio. O brejo, brejo que fala né? E aí quando a gente via o pessoal vindo de longe, a gente se escondia com medo. Porque a gente era tão ingênuo, que ficava com medo das pessoas fazer mal para a gente. Aí a gente se escondia nas moita. Adolescência foi praticamente isso. A minha mãe também tinha um carro de boi né, e eu gostava demais. Gostava quando o papai botava os boi no carro de boi, pra gente tocar o boi.

Aí mamãe me deu para esse casal, eu tinha uns dez, nove para dez anos. Eu não lembro direito. E aí o casal me levou, eu fiquei um tempo... não sei dizer quanto tempo. Aí depois eles estavam me maltratando, aí mamãe foi me buscar. Era muito distante, a gente morava dentro do mato, aí eles moravam já na cidade.

Mamãe conheceu outra pessoa, que deu um terreno para ela lá perto da Vila. Antigamente chamava Vila, esse povoado né. Aí ela conseguiu fazer uma casa, ainda assim de barro, e de palha. Mas era mais próximo da cidade, entendeu? Foi aí que a nossa vida começou a mudar. Aí eu já fui frequentar a escola. É por isso que eu digo hoje pra minhas filhas, que elas têm uma grande vantagem. Hoje elas têm praticamente tudo, que dá para sobreviver. Antigamente eu levava livro na sacola. Hoje, elas o que elas têm, eu digo às vezes que elas não dão valor, entendeu?

E aí minha mãe vendeu o carro de boi, com os bois, e logo em seguida, depois que a gente foi morar nesse lugar, minha mãe se separou do meu pai. E aí cada um foi para o seu lado, aí ela terminou de criar a gente. E os outros que foram ficando maiores, foram saindo, trabalhando em casa, de um, de outro, para ter uma uma sorte melhor. Que a vida era muito dura. Não tinha dinheiro para nada, a gente não lavava cabelo com shampoo. A gente, antigamente usava tu sabe o quê? Pra lavar



os cabelo? Era sabão de andiroba, sabão de coco. E o que a gente passava no lugar do creme que a gente usa hoje, era azeite de carrapato ou de andiroba. Tinha aquele alma de flores né, aquele perfume, e mamãe botava junto com o azeite de carrapato, que é mamona aqui né, que fala. Ou então um azeite de andiroba. E aí a gente passava nos cabelos.

Aí a gente foi se entendendo, foi se entendendo... eu tinha uma irmã que já tinha ido para Belém, e a minha irmã me levou. Eu passei lá... eu passei o quê? Uns onze, dez anos, trabalhando com ela. Trabalhando em casa de família. Quando minha mãe já comprou uma casa melhor, casa já de tijolo.. que a gente tava trabalhando e mandando dinheiro pra ter uma vida melhor. E aí eu vim do Pará, que eu não quis mais ficar, eu já tinha uma irmã morando aqui em São Luís. E eu vim morar com minha irmã, bem aqui no Upaon Açú, no Paço do Lumiar.

E com 17 anos, eu conheci meu primeiro marido né, conheci o pai das minhas filhas. Quando eu engravidei da minha primeira filha, eu tava morando com ela. Ela me expulsou de casa, porque ela disse que ainda não era hora de engravidar, porque eu não tinha nada. Não tinha emprego, não tinha nada. Então ela me expulsou de casa, aí eu voltei para Cururupu. Minha mãe ainda morava em Cururupu, eu voltei grávida de 3 meses. Sendo que o pai da minha filha disse que ele ia arranjar um serviço, e que quando ele quando arranjasse um serviço, ele mandava me buscar. E foi isso que aconteceu. Ele arranjou serviço no Shopping Cidadão, que andava de cidade em cidade, com esse caminhão, tirando documento. E mandou me buscar. Quando eu cheguei aqui de volta, ela tinha 12 meses de nascida. E aí fui morar com ele. Aí engravidei da outra, e engravidei da outra. Tive três anos de convivência, e me separei. E foi uma confusão. Aí engatei outro relacionamento com outra pessoa né, que hoje é um... é melhor do que o pai das minhas filhas. Uma pessoa nota 10. E assim, tô vivendo com ele já tem dez anos, sou casada. Morei com ele cinco anos, e casei. De casada tenho 5 anos, então tenho dez anos morando com ele.

Minhas filha, já tem uma na faculdade, a outra jovem aprendiz, e a outra... ano que vem, se Deus quiser vai também, em nome de Jesus. E minha vida sempre foi dura,

como eu falei para vocês, negócio de roça. Minha mãe sempre me ensinou que eu tinha que fazer, tipo assim.... aprender a profissão dela, entendeu? Só que ninguém quis. Lavradora. Ninguém quis, porque todo mundo foi né... caçando as melhoras. Porque a gente a gente achava que essa vida de roça é muito dura, entendeu?

Minha mãe hoje, ela é muito doente. Ela deixava a gente em casa, tudo pequeno. E quando ela chegasse, tinha que encontrar o comer feito. Na lenha, tá? A gente ia buscar também, feixe de lenha na cabeça, né? Na roça.

Aí hoje em dia o que eu gosto de fazer, que eu aprendi com a minha mãe, dessa convivência, eu gosto muito de plantar. Plantar o quê? Planta? Sim, gosto de planta. Mas eu gosto das coisas que pode comer, eu gosto de plantar quiabo, maxixe, tem tudo na minha casa. Eu gosto de plantar, só que meu espaço é pequeno, já tentei plantar umas coisas por ali, mas só se cercar.

Outra coisa que eu gosto é de criar galinha, na minha casa eu crio galinha. Gosto muito... outra coisa que eu sempre gostei de fazer, pescar. Pescar de anzol. De vez em quando eu vou na Raposa, pescar de anzol. Sempre eu ia com meu marido.

**Letícia:** E teu sonho, qual é?

**Do Carmo:** Meu sonho é poder dar uma vida melhor pras minhas filhas, e ter meu conforto.

Figura 32: Bio-cartografia afetiva 6 - Do Carmo

Do Carmo e seu marido em frente sua casa, foto tirada por mim



Casa de produção de farinha



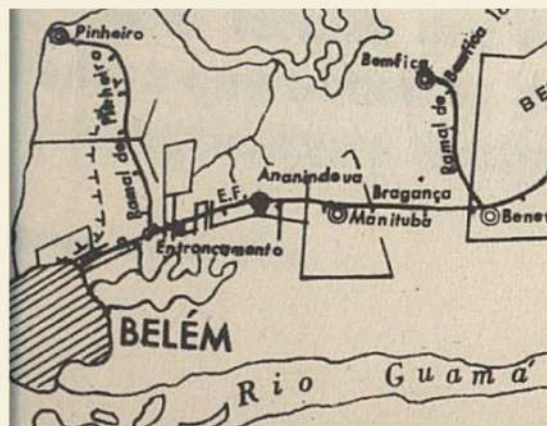
Gostava quando o papai botava os boi no carro de boi, pra gente tocar o boi.



Lavradora



Carro de boi



Mapa de Belém

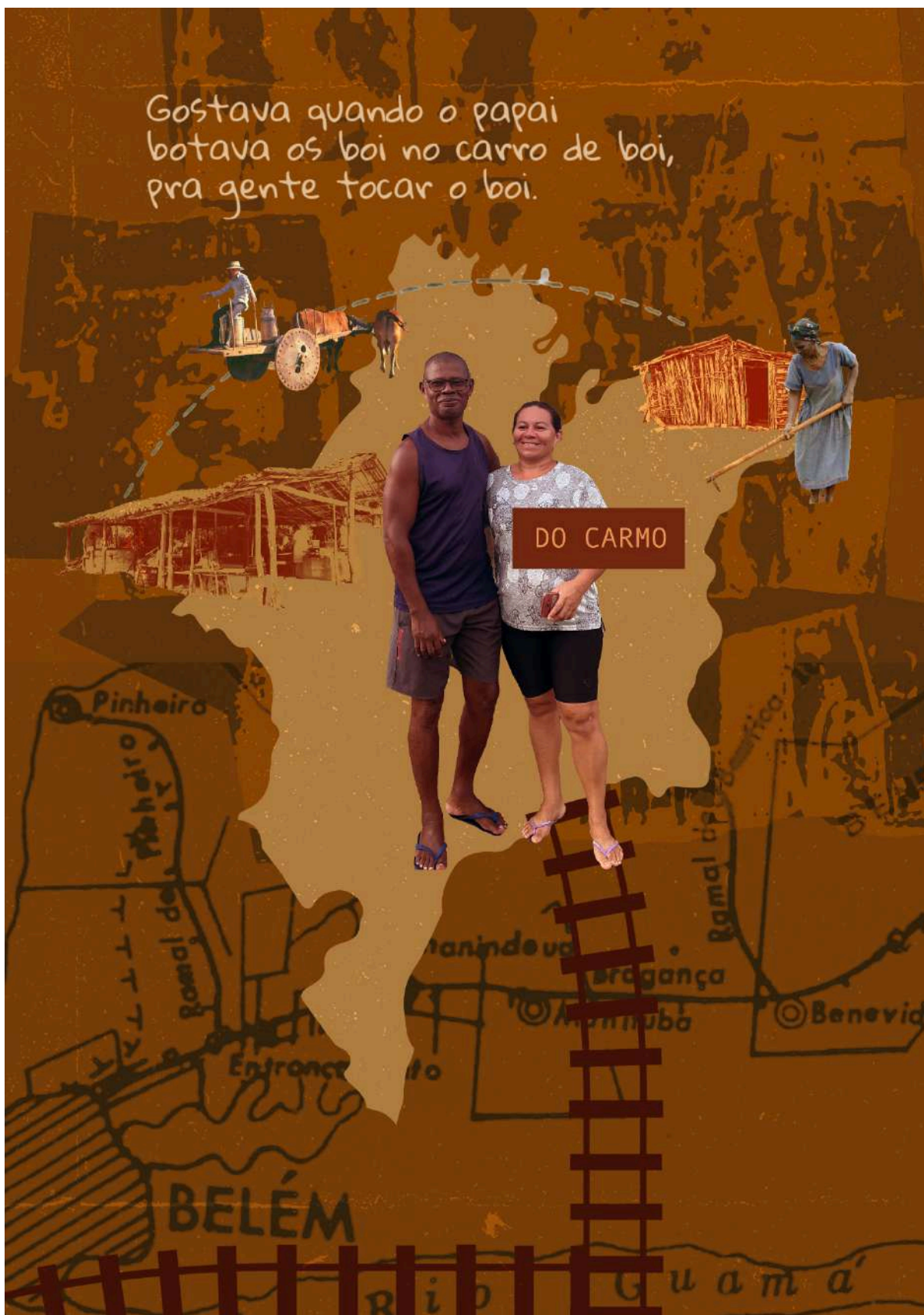
Figura 33: Processo Bio-cartografia afetiva 7 - Do Carmo

Acervo pessoal Do Carmo, fotos com suas filhas



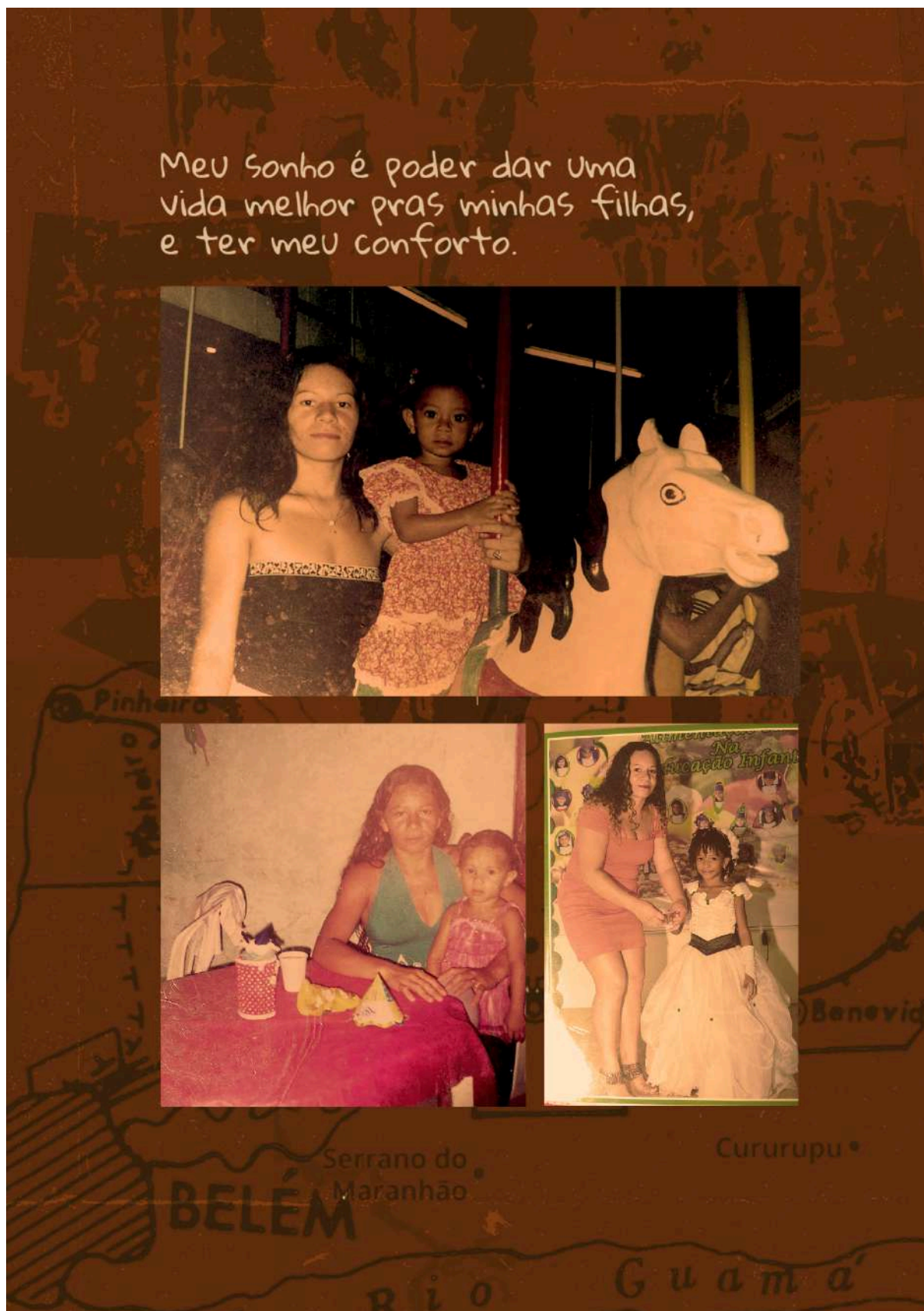
Fonte: Autoria própria

Figura 34: Bio-cartografia afetiva 6 - Do Carmo



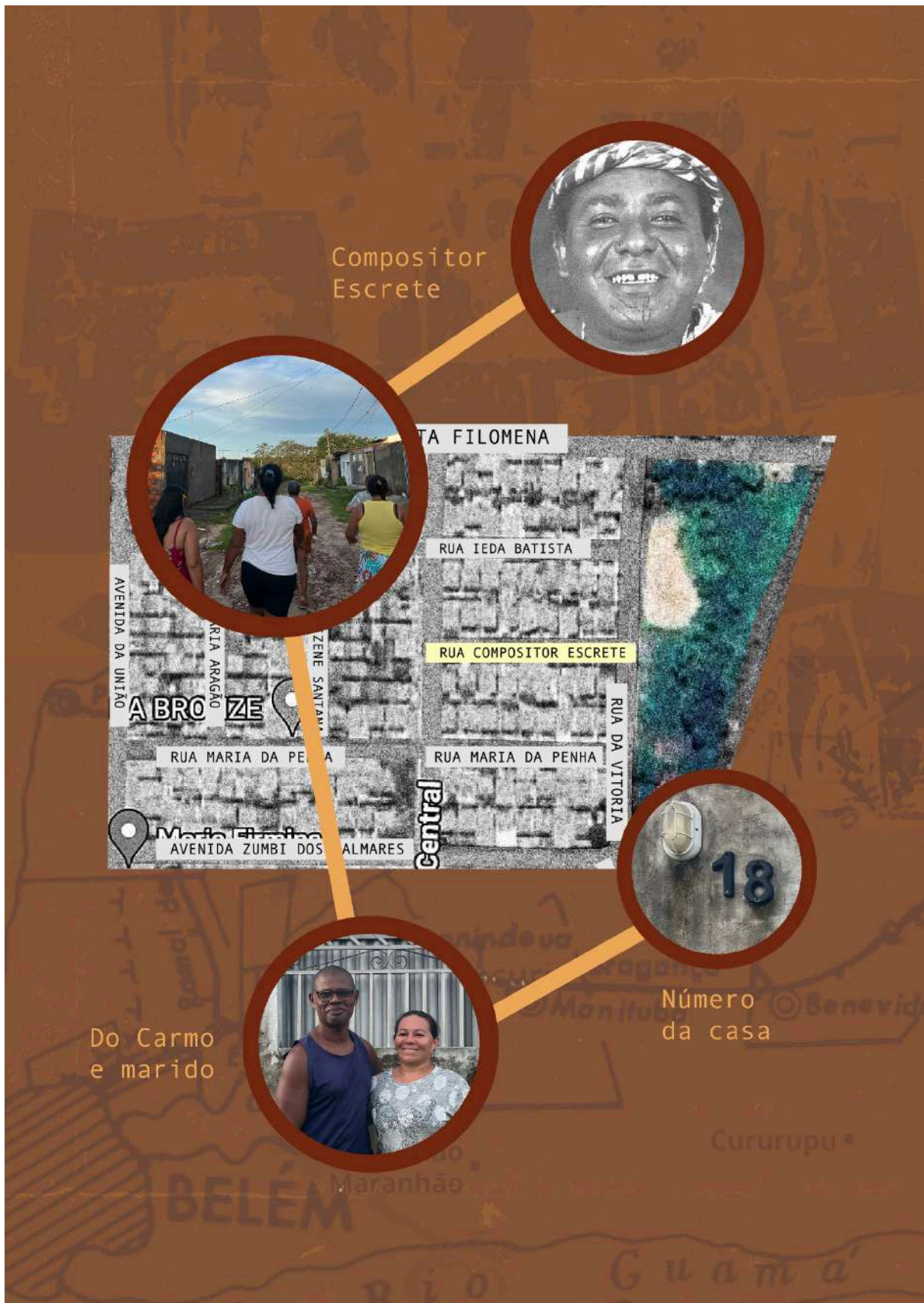
Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 35: Bio-cartografia afetiva 7 - Do Carmo



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 36: Bio-cartografia afetiva 8 - Rua Compositor Escrete



Fonte: Autoria própria (2024)

**História 3 – Lais Cristina, 32 anos**

**Letícia:** Há quanto tempo tu mora aqui?

**Laís:** 14 anos.

**Letícia:** E como foi pra tu conhecer o Maria Firmina?

**Laís:** Eu trabalhava de empregada doméstica, aí a irmã da minha patroa tinha uma casa aqui, e ela me deu pra mim morar. Eu morava no Cohatrac, na casa onde eu trabalhava.. Quando eu vim do interior pra cá, eu fiquei 2 anos lá.

Eu sou de Catanhêde, eu vim pra cá com 14 anos, eu vim pra trabalhar. Eu creio que foi uma oportunidade que eu tive, lá eu vendia Avon, uma coisa... aí quando eu tive a oportunidade de vir, eu vim. Aí eu trabalhei de garçõete por 1 ano e 8 meses, aí eu mudei pro Cohatrac e comecei a trabalhar de empregada doméstica, até ter minha filha. Virei dona de casa. Que eu não era dona de casa, fazia o básico. Até hoje, só sei o básico. Só sei cozinhar o básico, do básico mesmo. Não me convide pra cozinhar, que eu não sei cozinhar.

Eu conheci ele com 17 anos, aí engravidei, tive minha filha, e to aí há 14 anos com ele.

**Letícia:** E o que que tu gosta de fazer na tua rotina?

**Laís:** De fazer unha. É o que eu comecei a praticar normalmente, e aí foi, é o que eu faço. Não faço nada de diferente assim. Sair, eu não sou de sair também. Tenho preguiça de sair de casa. Tenho 5 bençãos, cinco abençoados lá em casa.

Antes, na minha adolescência, eu nunca fui de fazer muita coisa, participava de grupo de igreja...sempre gostei de igreja.



**Letícia:** Me falaram que tu fez várias oficinas aqui no Clube de Mães, quais que tu já fez?

**Laís:** Eu fiz design de sobrancelhas, manicure, nail design, que é o alongamento. Fiz biju, mas o que alavancou foi o de manicure. Trabalho, vou nas casas. Se for um dia que eu não tiver bem, tem que ir lá em casa. Mas eu prefiro ir nas casa.

**Letícia:** Por que?

**Laís:** Por causa da zoada das crianças. "Menino, te senta aí, menino, tô ocupada!". Mas é assim, eu vendo toalha, vendo colcha.. antigamente eu trabalhava com tudo de venda que aparecesse. Hoje em dia não, venda é uma coisa que desgasta a gente. Antigamente eu tinha um sonho de ter uma loja de roupa, uma loja de cama, mesa e banho.. que é uma coisa que eu acho tão lindo. Mas desgasta a gente. Agora eu tô preparando uns combos de unha pras minhas clientes.

**Letícia:** E hoje em dia, teu sonho é qual?

**Laís:** Ah, ter meu espaço. De estética. O que eu pretendo, assim, que não seja tão distante, é fazer um curso de podologia, como manicure.

Figura 37: Processo Bio-cartografia afetiva 9 - Lais Cristina

Lais em frente sua casa,  
foto tirada por mim



Foto manicure realizando  
trabalho



Fotos Cantanhede e Rio  
Itapecuru



Antes, na minha adolescência, eu nunca  
fui de fazer muita coisa, participava de  
grupo de igreja...sempre gostei de igreja.



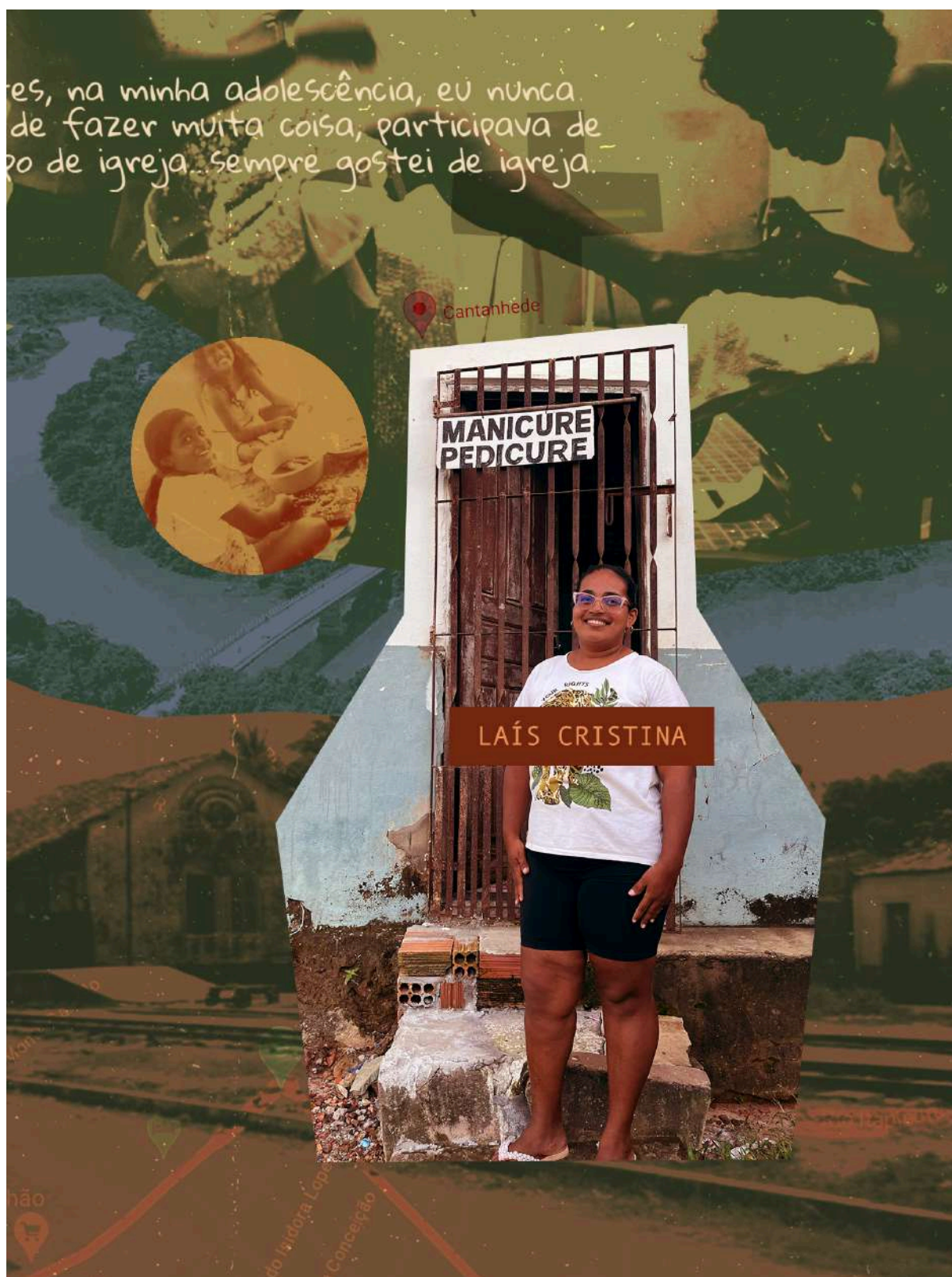
Lais criança, acervo  
pessoal de Lais

Figura 38: Processo Bio-cartografia afetiva 10 - Lais Cristina



Fonte: Autoria própria

Figura 39: Bio-cartografia afetiva 9 - Lais Cristina



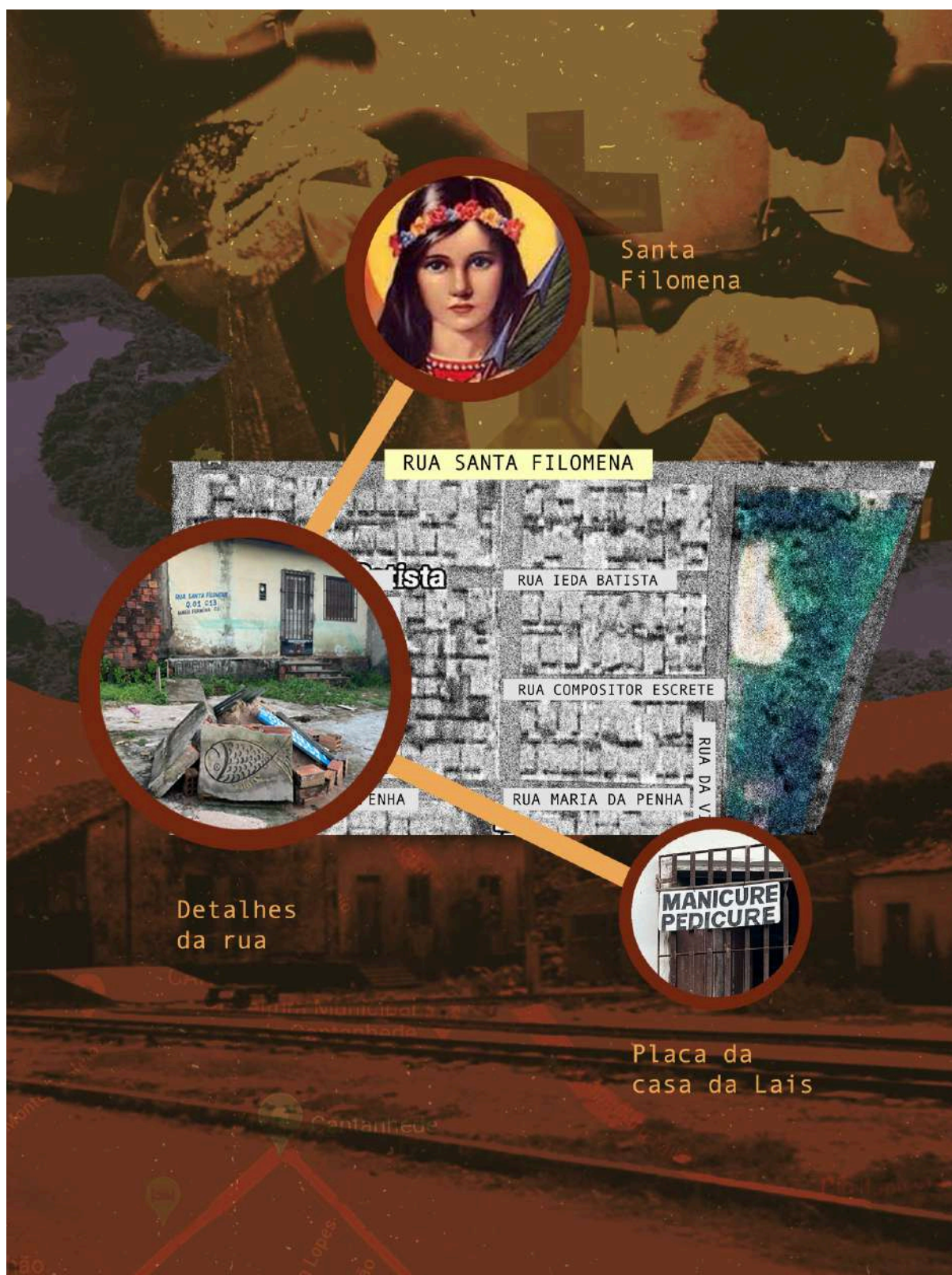
Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 40: Bio-cartografia afetiva 10 - Lais Cristina



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 41: Bio-cartografia afetiva 10 - Rua Santa Filomena



Fonte: Autoria própria (2024)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades, em seu funcionamento, reproduzem relações capitalistas que geram dinâmicas contraditórias e excludentes. Essas relações, por sua vez, garantem a manutenção da marginalização dos espaços, o que dificulta o acesso ao direito à cidade para a maioria da população, sentida mais intensamente por mulheres negras que realizam trabalho reprodutivo.

O bairro Residencial Maria Firmina I e II conta com uma série de problemas além de estruturais, mas também no que diz respeito ao direito à cidade, como a falta de espaços públicos para crianças viverem e brincarem, ou a inexistência de ambientes para o lazer da própria comunidade.

Neste cenário, a relação afetiva entre mulheres vizinhas uniu forças em prol da luta comunitária para reivindicarem seus direitos civis. Dessa maneira, o Clube de Mães surge como enfrentamento para superar as condições segregadoras das cidades. A forma como essas mulheres se apropriam do seu território, mudando os trajetos as quais estariam destinadas, na esperança de um futuro melhor, é uma prova viva de como a resistência de um poder coletivo pode mudar os rumos da produção de espaço de uma cidade.

A conquista de direitos segue a passos vagarosos, mas resistir dentro da luta comunitária é importante para que suas práticas se difundam a tal ponto, que a busca pelo direito à cidade deixe de ser uma disputa, e se torne um bem comum. Por tal motivo, se deu o interesse do trabalho em investigar e registrar um pouco da vida dessas mulheres, e trazer visibilidade para suas práticas.

A escolha das colagens com fotos reais, foi em decorrência da vontade pessoal da autora de atribuir identidade ao mostrar alguns dos rostos e histórias por trás do Clube de Mães. O recurso das colagens também foi muito útil para retratar relatos em diferentes temporalidades.

O uso das bio-cartografias e mapas afetivos foi devido à possibilidade que essas ferramentas nos dão de interligar histórias, e pensar caminhos que existiram e ainda existem nas cidades por meio da própria vida. O foco dessas metodologias é a subjetividade das pessoas, e o que elas trazem para nós.

Para a autora, escrever sobre a sensibilidade dessas mulheres em busca de condições mais igualitárias, e trazer pequenos fragmentos de suas histórias para as

bio-cartografias, eram muito mais relevantes do que produzir um mapa convencional com seu sentido técnico e objetivo. O que mais interessava eram as ricas histórias escondidas dentro desses mapas.

O trabalho passou por algumas dificuldades, como a localização afastada e intermunicipal do conjunto. De início, a pandemia também afetou a logística do trabalho, e teve seu processo interrompido. Outro fator de relevância foi a pouca disponibilidade de horário da autora durante a retomada do trabalho. Houve também uma desistência de depoimento no meio do projeto, mas que não interferiu em sua continuidade. Apesar dos percalços, foi possível ouvir muitas histórias, fazer diversas visitas de campo, e observar de perto as dores referentes à lógica dominante das cidades.

Retratar a vida de mulheres negras é ir contra a invisibilidade e silenciamento a qual elas estão sujeitas. Essas mulheres precisam ser reconhecidas enquanto agentes criadoras de cidades, pois mobilizam todo um território, e movimentam discussões que perpassam desigualdades impostas dentro das normas de gênero e raça.

Fortalecer essas iniciativas fomenta a continuidade de ações que busquem encontrar saídas na construção de um lugar mais justo, acessível e digno. É a luta social dentro dos movimentos populares que pressionam as transformações nas cidades.

Para desdobramentos futuros, pretendo criar um material físico que possa servir de registro de memória, que tenha valor afetivo, como uma zine ou um álbum de fotos, que contenha todas as entrevistas, fotos e bio-cartografias reunidas. Após impressão, as zines serão entregues a cada uma das mulheres participantes. Como há bastante material coletado, também desejo articular uma exposição com esses desdobramentos aprofundados, para dar visibilidade a essas histórias.

Ao embarcar num possível mestrado, almejo desdobrar essa pesquisa em caminhos confluentes, ainda dentro dessa esfera de cidades, memória e design. Assim, espero que esse trabalho possa contribuir com provocações para pensar perspectivas interseccionais de raça, gênero e classe por meio do uso de ferramentas do design ao documentar histórias de luta social.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa. Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas. São Paulo: Elefante, 2022.

ALMEIDA, M. Território de afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro. *História Oral*, 24(2), 2021. p. 293–309. <https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1209>

ANCHIETA, Larissa Bianca; PFLUEGER, Grete Soares. Um olhar decolonial sobre a formação e expansão urbana do Centro Histórico de São Luís (MA): As perspectivas das mulheres negras. In: *Anais do VII Encontro Da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*. São Carlos: ANPARQ, 2022, p. 409-423

ANCHIETA, Larissa Bianca. BIO-CARTOGRAFIAS AFRODIASPÓRICAS FEMININAS: A CRIAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís (MA), 2023

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149

ARAÚJO, Caroline Macedo Alves da Silva. UM CAMINHO PARA MÃE LUIZA/POTENCIALIZANDO RELAÇÕES AFETIVAS COM O ESPAÇO URBANO. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), 2019

BRAGA, Marcos da Costa. PAPEL SOCIAL DO DESIGN GRÁFICO. BOD GmbH DE, 2012.

BOMFIM, Gustavo A. Ideias e formas na história do design: uma investigação estética. Campina Grande: UFPB, 1998.

CARDOSO, M.A. Design como propulsor de histórias: narrativas dos povos Cariri do Cariri cearense. 2021. 117 f. Monografia (Graduação em Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

CORRÊA, R. L. (2011). Denis Cosgrove – A paisagem e as imagens . *Espaço E Cultura*, (29), 7–21. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3528>. Acesso em: 07 abr. 2024.

COSTA, Samira Lima da; SILVA, Carlos Roberto Castro e. Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei , v. 10, n. 2, p. 283-291, dez. 2015 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-8908201500020006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-8908201500020006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 set. 2021.

DAVID, Harvey critica modelo capitalista de urbanização. FASE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional), Pernambuco, 26, nov. 2014. Disponível em: <<https://fase.org.br/pt/noticias/david-harvey-critica-modelo-capitalista-de-urbanizacao>> Acesso em: 17, jun. 2024.

Des-embranquecendo a cidade: #01 Des-embranquecendo a cidade. Coletiva Terra Preta. [S. l.], 21 ago. 2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2URAPncLEn604IqYzDTHVC?si=0b2f8708da624140>. Acesso em: 3 mai. 2024.

ESCOBAR, A. *Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds*. Illustrated ed. Durham e Londres: Duke University Press Books, 2018.

ENCONTRO nacional de moradia popular reúne representantes de 20 estados no Maranhão. União por Moradia Popular, São Luís, 3 de ago. de 2023. Disponível em: <[https://unmp.org.br/encontro-nacional-de-moradia-popular-reune-representantes-de-todo-brasil-no\\_maranhao/](https://unmp.org.br/encontro-nacional-de-moradia-popular-reune-representantes-de-todo-brasil-no_maranhao/)>. Acesso em: 27 de abr. de 2024.

FARIAS, Priscila; COSTA BRAGA, Marcos e. Dez ensaios sobre memória gráfica. São Paulo: Blucher, 2018.

FISHER, Mark. Realismo Capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. Organizado por Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 224 p.

FREITAS, Sydney Fernandes de. A INFLUÊNCIA DE TRADIÇÕES ACRÍTICAS NO PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DO ENSINO/PESQUISA DE DESIGN. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 1999.

FREIXA, Omer. Frantz Fanon: um clássico para entender o colonialismo. El País, 03 dez. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-12-03/frantz-fanon-um-classico-para-entender-o-colonialismo.html>. Acesso em: 15 fev. 2024.

FRY, Tony. Design as Politics. Oxford: Berg Publishers, 2010.

GUIMARÃES, Maria Clariça Ribeiro; A questão urbana na dinâmica de reprodução capitalista. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES: Argumentum, vol. 5, núm. 1, 2013, p. 180-196

GUIZZO, I. Reativar territórios: o corpo e o afeto na questão do projeto participativo. Belo Horizonte: Quintal, 2019.

GUIZZO, I. Micropolíticas urbanas: uma aposta na cidade expressiva. Dissertação

de mestrado. 159 páginas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia: Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. O direito à Cidade in Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, p. 27-66, 2012.

HARVEY, David. A Justiça Social e a Cidade. São Paulo: Hucitec, 1980 [1973].

hooks, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Tradução: Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

IPEA -Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Relatório brasileiro para a Habitat III.Coordenação Renato Balbim. Brasília: ConCidades, IPEA, 2016. Disponível em: <<http://goo.gl/q9kzzm>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

LARA, Fernando. Possíveis saídas para séculos de exclusão e de esquecimento. **América - revista da pós-graduação da escola da cidade**, São Paulo, n.1, p. 67-75, julho, 2020. Disponível em: <https://ojs.escoladacidade.org/index.php/america/article/view/47>. Acesso em: 07 abr. 2024.

LARA, Fernando. Prefácio. Por uma teoria da arquitetura decolonizada. In.:MOASSAB, Andreia e NAME, Leo (Orgs.). Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo. Foz do Iguaçu: Editora Universitária da UNILA, 2020

LOEB, Rodrigo Mindlin; LIMA, Ana Gabriela Godinho (Orgs.). Cidade, gênero e infância. São Paulo, Romano Guerra, 2021.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único. 3.ed. Petrópolis: Vozes, p. 121-192, 2002.

MA - Inauguração do Canteiro de Obras, São Luís, 12 de mar. de 2009. Disponível em: <<https://unmp.org.br/ma-inauguracao-do-canteiro-de-obras/>>. Acesso em: 27 de abr. de 2024.

MEMÓRIAS imortais, candomblé e o universo criativo | Tainá Evaristo | Janela lateral. Entrevista por Claudio Carneiro. [Belo Horizonte: s.n.], 16 abr. 2024. 1 vídeo (26 min.) Publicado pelo canal Multiprosa. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KQnYhyZL\\_6s](https://www.youtube.com/watch?v=KQnYhyZL_6s). Acesso em 17 abr. 2024.

MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (Orgs.). Por um Ensino Insurgente em Arquitetura e Urbanismo. Primeira Edição, Foz do Iguaçu, Editora Universitária da UNILA, 2020.

PACHECO, Suellen Cristina dos Santos Apoliano. Produção de habitação popular por autogestão e iniciativa privada como espaço de sujeitos sociais na ilha do

maranhão. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís (MA), 2019

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PATER, Ruben. Políticas do Design: um guia (não tão) global de comunicação visual. Tradução: Antônio Xerxenesky. São Paulo: Ubu, 2020.

PEREIRA, Gabriela Leandro. Narrativas bio-cartográficas entre o Quarto de Despejo e o Quarto de Cura: Pistas para um projeto de cidade. Polis Publicações, v. 1, p. 168- 187, 2020.

PEREIRA, Tais Vieira. Moodboard como espaço de construção de metáforas. Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre (RS), 2010

POPPOVA, Maria. Mapping Manhattan: A Love Letter in Subjective Cartography by Neil deGrasse Tyson, Malcolm Gladwell, Yoko Ono & 72 Other New Yorkers. The Marginalian, Nova York, 02, abr. 2013. Disponível em: [<https://www.themarginalian.org/2013/04/02/mapping-manhattan-becky-cooper/>]. Acesso em: 15, abr. 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. Transcrição do Documentário Ori. In:\_\_\_\_\_. Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. 1 ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 326-340.

RESENDE, Beatriz; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. A cidade como um lugar de encontros: entrevista com Sérgio Magalhães. Z Cultural. Revista do Programa avançado de cultura contemporânea, Rio de Janeiro, v. 15, n. 01, p. 11, 2020. Disponível em <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-cidade-como-lugar-de-encontro-entrevista-com-sergio-magalhaes/>>. acessos em 20 set. 2021.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Autêntica Editora, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu, 2023.

SANTOS, Aguinaldo dos. SELEÇÃO DO MÉTODO DE PESQUISA: GUIA PARA PÓS-GRADUANDO EM DESIGN E ÁREAS AFINS/ AGUINALDO DOS SANTOS. Curitiba, PR: Insight, 2018.

SANTOS, João Victor Montenegro dos. À SOMBRA DO MUNDO ERRADO: DESIGN E ALIENAÇÃO. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Pernambuco, Recife (PE), 2022

SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo. São Paulo, Hucitec, 1994.

SENNETT, R. Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record , 2012.

SOUZA LEITE, João de. De costas para o Brasil: O ensino de um design internacionalista. In: HOMEM DE MELO, C.(Org.). O design gráfico brasileiro: anos 60. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Um olhar decolonial sobre a formação e expansão urbana do Centro Histórico de São Luís (MA): As perspectivas das mulheres negras. In: Anais do VII Encontro Da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Carlos: ANPARQ, 2022, p. 409-423



## ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você, integrante do Clube de Mães Residencial Maria Firmina, a participar como voluntária da pesquisa **"Design, memória e afetos: Clube de Mães Residencial Maria Firmina I e II, Paço do Lumiar - MA"**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é o interesse em investigar como preservar a história das lideranças femininas do Clube de Mães, por meio do design. Esse resgate histórico se desdobrará através do registro em bio-cartografias e mapas afetivos, que ao mesmo tempo que investigam o passado e o presente, também projetam o futuro. O estudo poderá vir a gerar reflexões que contribuam tanto para o campo teórico, quanto para o campo prático do design, aproximado de uma perspectiva política, que lute para preservar e potencializar relações entre sujeitos, integrando-os a suas respectivas comunidades vivenciadas e em novas tramas urbanas.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você: entrevistas sobre sua própria biografia, registros das histórias do seu passado; entrevistas sobre a sua relação com o Clube de Mães e com o bairro Residencial Maria Firmina; entrevistas sobre o surgimento do Clube de Mães. Em seguida, será feita uma coleta de material fotográfico da sua vida e família, o qual será utilizado nas colagens das bio-cartografias. Algumas das fotografias serão manipuladas graficamente. Todas as entrevistas serão registradas em áudio e transcritas para a pesquisa.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendida.

Para essa pesquisa, você será identificada nas bio-cartografias afetivas, a pesquisadora vai precisar divulgar o seu nome, idade e endereço. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo também se encontra impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luís, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Participante

CPF: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

CPF: \_\_\_\_\_

Pesquisadora Responsável: LETÍCIA BARROS DANTAS  
Instituição: UFMA  
Contato: (98) 98156-5163  
[leticia.dantas@discente.ufma.br](mailto:leticia.dantas@discente.ufma.br)  
Orientador: Prof. MARCIO JAMES SOARES GUIMARÃES  
Instituição: UFMA  
Contato: (98) 98114-8409  
[mardio.guimaraes@ufma.br](mailto:mardio.guimaraes@ufma.br)